

ÍNDICE

CAPÍTULO UM	1
CAPÍTULO DOIS	5
CAPÍTULO TRÊS	8
CAPÍTULO QUATRO	12
CAPÍTULO CINCO	16
CAPÍTULO SEIS	21
CAPÍTULO SETE	25
CAPÍTULO OITO	30
CAPÍTULO NOVE.....	33
CAPÍTULO DEZ.....	38
CAPÍTULO ONZE	41
CAPÍTULO DOZE	46

CAPÍTULO UM

A exposição era um turbilhão de cores. Um ataque visual à ordem e à beleza que eu costumava reconhecer. Ao meu redor, murmúrios de reverência e confusão se

misturavam, como se o público tentasse entender as camadas caóticas da tinta que cobria as telas.

Parado diante de uma delas, a “No. 5 de Jackson Pollock”, lá estava o homem que procurava. Estava exatamente onde eu sabia que estaria.

Harvy Duncan observava o quadro com os braços cruzados, parecendo alheio ao seu redor. Seu rosto estava sereno, mas nos olhos havia algo que eu reconhecia bem: uma sombra densa.

— Bonita, não é? — ele comentou, sem desviar o olhar.

Bonita. Me perguntei se ele realmente via beleza ali ou apenas usava essas palavras para encobrir algo mais obscuro. Para mim, a pintura caótica refletia exatamente o que se formava em meu peito: fragmentos de lembranças, rabiscos de dor e um rosto que jamais esqueceria. Tyler.

A lembrança veio com força. Tyler e eu, na noite que fizemos um pacto, quando a vida ainda era um horizonte aberto, longe do peso que me acompanharia. Estávamos deitados no teto do orfanato, encarando o céu e criando constelações imaginárias. Ele apontou para as estrelas dizendo:

— Quando estivermos lá fora, Arvel, vamos construir algo nosso, algo que ninguém possa tirar da gente.

Eu ri, sem saber que ele falava sério. Mas Tyler sempre enxergou além, sempre viu um futuro que ninguém mais via, incluindo eu. Antes dele, eu não era ninguém naquele lugar, mas ele me viu, me fez ser alguém cujo único propósito era viver com ele. Prometemos ser livres juntos, de qualquer forma, fugindo dos rótulos e das paredes que nos cercavam. Essa promessa, que em algum momento me trouxe esperança, agora era só mais uma lembrança dolorosa.

— Caótica, eu diria — respondi a Harvy, mantendo os olhos nele, não sabendo se me referia a pintura ou a minha vida, enquanto meu corpo se preparava para atacar.

As memórias eram a única coisa que me continham ali. Tyler foi minha âncora, a única pessoa que via além do meu rótulo de “órfão problemático” e acreditava que o mundo estava ao alcance. Mas essa fuga se tornou um pesadelo que eu revivia sempre. O barulho do metal retorcido, o vidro estilhaçando... ainda gravados em mim. Eu sobrevivi graças aos meus poderes que surgiram como um grito de vida. Não sei exatamente o porquê, mas eles me escolheram. Porém Tyler... ele não teve a mesma sorte.

A morte de Tyler tornou-se uma ferida que nunca cicatrizou, e o homem ao meu lado, o motorista que destruiu nossa fuga, saiu ileso. Estava bêbado, escapou sem uma única punição, enquanto eu fui levado ao reformatório para jovens infratores. Lá, aprendi a controlar melhor os meus poderes e, nas poucas aulas com acesso a computadores, descobri quem era Harvy Duncan, o único rosto além do de Tyler que eu nunca iria esquecer.

Descobri quem era quando vi seu rosto estampado na TV do reformatório e ali tudo fez sentido. Pouca coisa se encontrava sobre ele, como se ele usasse sua influência para

apagar seus rastros. E pelo que eu sabia, quem se escondia assim, era porque devia alguma coisa.

Assim, dois anos depois, fugi do reformatório, pronto pra revelar seus segredos.

O silêncio entre nós parecia pulsar, trazendo minha dor à tona.

— Às vezes, é difícil ver beleza em algo que não conseguimos entender, não é? — Harvy comentou, ainda absorto no quadro.

Soltei um riso seco e murmurante, antes de me virar para ele:

— Prazer, sou o Arvel. — o fitei diretamente nos olhos. *Você se lembra de mim Harvy Duncan?*

Ele se voltou para mim, o olhar confuso sendo rapidamente substituído por um sorriso incerto, colado como uma máscara mal ajustada.

Harvy possuía uma figura esguia e elegante, principalmente com o terno que usava aquele dia. Sua postura exalava confiança e tranquilidade. Com a pele branca e o rosto marcado por traços afiados, um queixo bem definido, dando-lhe uma aparência austera e um pouco intimidante. Seus olhos eram intensos e profundos, de um tom cinza-escuro. Tinha cabelos escuros, levemente ondulados, que caíam em desordem pela testa. Ele era filho único de Tobias Duncan, dono da Duncorp, uma empresa de biotecnologia. Era o típico garoto rico que tinha tudo que queria, quando queria. Sabia que apenas confrontá-lo não seria o suficiente. Tinha que fazer mais. Coloquei a mão na cintura e me certifiquei de que ela estava ali.

— Muito prazer, Arvel. Eu sou o Harvy.

Estendi minha mão, e ele, hesitante, apertou-a. A força do meu aperto foi calculada, e vi seus dedos tensionarem. Nos encaramos, uma energia silenciosa vibrando entre nós, até ele soltar minha mão e desviar o olhar, como se o quadro subitamente tivesse ganhado uma importância renovada.

Ele recuou, em direção à saída, como se uma urgência invisível o chamasse. Perfeito. Era a deixa que eu esperava.

Segui-o, mantendo uma distância segura enquanto ele se dirigia ao carro. Lá fora, era quase noite, a hora exata para se fazer justiça. Esperei que entrasse, desatento, e, antes que pudesse dar partida, abri a porta e entrei no banco de trás, apontando uma arma para ele.

— Dirija. — sussurrei, a voz baixa, mas firme. Harvy congelou, as mãos erguidas, a expressão oscilando entre medo e uma tentativa frustrada de controle.

— Não faça isso... Por favor, leve o que quiser... — ele sussurrou, quase inaudível.

— Dirija até a delegacia! Vai confessar seus crimes. — disse, e minha voz soou firme, fria, ecoando a decisão de anos.

— O quê? — não parecia que era aquilo que ele esperava ouvir, então pressionei a pistola em seu crânio para que ele executasse logo meu comando.

Com uma expressão vacilante, ele deu partida no carro. As luzes da cidade passavam por nós em flashes, um contraste agudo com a escuridão que envolvia meus pensamentos. Uma lembrança aflorou — um sussurro indistinto e sombrio, uma voz que não era minha, nem dele, mas ecoava em algum lugar dentro de mim, quase como um aviso. Tentei ignorar, mas tudo ao meu redor começou a se distorcer, até que, em meio à rua, vi uma figura encapuzada, imóvel, me observando.

A figura estava envolta em um manto negro, tão escuro que parecia absorver a luz ao seu redor. Sua presença era quase silenciosa, exceto pelo som leve de passos que não coincidiam com os movimentos. Era como se os passos fossem ecos de algo distante, mas tangível. O rosto estava oculto na sombra do capuz, mas eu sentia seu olhar fixo em mim, como se estivesse conectando-se diretamente com minha mente.

— Pare o carro! — gritei, e Harvy pisou no freio, o carro derrapou.

— O que está fazendo? Não tem ninguém ali! — ele disse, olhando para mim com desespero. Mas eu via a figura ali, sólida e sombria, algo que parecia comunicar-se com minha mente.

Aproveitando minha distração, Harvy abriu a porta e fugiu. Movido por reflexos, usei minha velocidade aprimorada e o alcancei no meio da rua, empurrando-o para dentro de um beco, onde as sombras o engoliram. Me aproximei com a arma em mãos, o olhar fixo em sua expressão apavorada.

— Você tirou tudo de mim! — sussurrei, cada palavra carregada de dor e ódio — E agora vai pagar.

Para minha surpresa, ele murmurou algo que fez meu peito arder de confusão:

— Seja o que for, não fui eu! Meu pai deve tá envolvido nisso!

As vozes voltaram, e a figura encapuzada reapareceu, mais perto, murmurando: “Você precisa entender, Arvel. Eu preciso de você. Veja!”

Foi como um soco no estômago. Um terror frio me envolveu. Estrelas reluziam em meio à escuridão do beco, e então me vi cercado por criaturas formadas de sombras e sangue, seus olhares fixos em mim. A visão se intensificou até que eu ouvisse gritos distantes, um clamor de dor misturado ao vazio. Como um instinto, gritei, e tudo ao meu redor se dissipou em uma escuridão intensa. Depois vi uma rachadura vermelha no céu e as estrelas a cercavam. Era até ela que eu caía. Mas antes de sequer sentir o gosto da morte, acordei.

Quando recobrei os sentidos, estava no chão, Harvy apontava a arma para mim. Ele falava com alguém no celular e rapidamente me concentrei, lançando meus raios roxos no aparelho, o danificando. Harvy tremia e as palavras vacilavam:

— Eu... posso te ajudar... Parece que sofre de algum problema! Como você fez aquilo com meu celular?

A dor me cortava como lâminas. Depois de tanto tempo, tinha Harvy Duncan diante de mim, e todo meu ser gritava por vingança. Empurrei-o contra parede, meus dedos formigando com eletricidade.

— Você destruiu minha vida e saiu impune aquela noite! — murmurei, a energia fluuando de mim. Mas a expressão dele, algo entre culpa e resignação, me fez hesitar.

— Aquela noite... — foi como se tudo fizesse sentido pra ele agora — Me assombra todos os dias — ele sussurrou — Meu pai cuidou de tudo, mas acha que isso diminuiu minha culpa?

O peso das palavras dele me atingiram, mas era tarde demais para arrependimentos. Naquele instante, as vozes voltaram, estridentes, sufocantes, ecoando meu nome repetidamente, me mergulhando num torpor de escuridão e luz.

— Saíam da minha cabeça! — gritei, e o silêncio caiu ao meu redor.

Sozinho no beco, senti minha raiva como um fardo insuportável, um vazio sem fim. Afastei-me dali, subindo aos céus, como se minha fuga pudesse silenciar o grito interno.

**

CAPÍTULO DOIS

A madrugada se arrastava, pesada e sombria, enquanto eu voava de volta ao meu refúgio, uma igreja abandonada ao lado de um cemitério, esquecida nas franjas da cidade. As vozes na minha mente ecoavam como fragmentos de memórias partidas, dispersas e fervendo, trazendo de volta cada palavra que Harvy dissera. Eu sentia o peso da noite, e meu peito ardia com o turbilhão de lembranças e raiva que se misturavam.

Ao entrar na igreja pelo teto, soltei um riso amargo. O eco das minhas botas no concreto rachado ao pousar parecia zombar do meu tormento. Os bancos de madeira desgastados se erguiam ao meu redor como sentinelas abandonados, imóveis, como se estivessem ali só para me observar definhando. O vento frio entrava pelas janelas quebradas, e a luz da lua lançava sombras alongadas pelo chão, como dedos apontando segredos proibidos. O som distante de um corvo crocitando adicionava ao lugar uma atmosfera de abandono e mistério.

Em cima do altar da igreja havia documentos que trouxe comigo do reformatório. Coisas minhas e coisas relacionadas a Harvy Duncan. Ali tinha tudo que consegui sobre ele, o que não era tanta coisa, mas foram o suficiente para encontrá-lo e segui-lo por dias até finalmente entender qual era o lugar favorito dele na cidade, o museu. Passei os dedos sobre os papéis com o nome dele e me odiei por não ter conseguido concluir minha vingança.

Exausto, deitei-me em um banco e fechei os olhos, tentando encontrar algum consolo. Mas fui arrastado de volta ao passado. A sensação das mãos de Tyler nas minhas, o

brilho de seu sorriso enquanto partíamos para uma vida nova, o cheiro de óleo e metal do carro velho que dirigimos, tudo estava vívido como nunca. A lembrança de nossa risada, o som do vento passando pelas janelas, a liberdade... até o instante em que tudo se transformou em gritos e o impacto seco de metal colidindo. Tyler estava lá, imóvel. E eu... sobrevivi.

Um som interrompeu meus pensamentos. Abri os olhos, o coração acelerado, e fiquei em silêncio, ouvindo a escuridão ao meu redor. Por um instante, pensei que fosse apenas o vento soprando por alguma fresta. Mas então uma figura encapuzada emergiu das sombras, parada no centro da igreja. Cada fibra do meu corpo sabia quem era: o mesmo ser que me assombrava, a sombra viva que cruzou meu caminho naquela noite.

O espaço ao meu redor parecia se comprimir, as sombras se alastravam e o frio tornou-se quase tangível. Meu coração batia rápido, e, por um instante, uma dúvida perturbadora passou pela minha mente: isso é real? Eu estou... vendo coisas? Talvez estivesse finalmente enlouquecendo. A dor, o ódio, tudo me parecia distante, como se esse ser tivesse o poder de me tornar um espectador da minha própria mente.

— Quem é você? — perguntei, tentando soar firme, mas sentindo o peso da incerteza e do medo. A eletricidade roxa começou a crepitar em meus dedos, um reflexo da raiva latente que queimava em mim.

A figura permaneceu em silêncio, aproximando-se em passos quase inaudíveis. Parou a poucos metros, a luz fraca da lua revelando apenas um vislumbre do rosto oculto pelo capuz.

— Você precisa saber. — sussurrou, a voz baixa e reverberante, como se viesse de todas as direções — Este não é o seu destino, Arvel. Existe um propósito maior para você.

Eu ri. Um riso carregado de sarcasmo, talvez até mais para esconder meu medo do que por descrença.

— Propósito maior? — repeti, descrente.

A figura ficou em silêncio por um momento. Quando falou novamente, a voz tinha um tom quase suave, que fez um calafrio percorrer minha espinha.

— A dor e a vingança cegam você, mas há coisas que ainda não sabe. Coisas que podem mudar tudo. Como quem são seus pais.

As palavras me atingiram como uma lâmina. Meus pais. Eu nunca soube quem eram. Apenas recordava rostos indistintos, memórias abafadas pela infância no orfanato. Cresci acreditando que estava sozinho. E agora esse estranho dizia conhecer a resposta para a pergunta que me atormentava desde sempre.

— Quem são? — perguntei, quase sem querer, minha voz em um misto de incredulidade e esperança.

O encapuzado deu um passo à frente, e sua forma começou a mudar. Sua pele brilhava uma luz branca, fosca, como se ele fosse feito de alguma substância além da

compreensão. Ele se ergueu mais alto, impotente, e senti o ar ao nosso redor se densificar, como se o próprio espaço estivesse alterado.

— Eu sou Equidade. — disse, a palavra vibrando como se o próprio tecido do universo a tivesse pronunciado — Sou responsável pelo equilíbrio da Existência. E você, Arvel, pode ser uma peça fundamental nesse equilíbrio.

Soltei um riso descrente e passei a mão pelo rosto, tentando afastar a sensação de que talvez estivesse perdendo o controle. Só podia ser um truque.

— É um truque, não é? Estou ficando louco, só pode.

— Não, Arvel. Está mais perto da verdade do que imagina.

— E por que você precisa de mim? — questionei, tentando manter a firmeza — Parece que é mais forte do que eu. Consegue resolver isso sozinho. Não quero me envolver nisso.

Ele baixou o capuz, revelando um rosto feito de uma luz branca calma, sem traços definidos, mas que irradiava uma serenidade insuportável.

— Não sou onipotente, nem onisciente. Não posso proteger o equilíbrio sozinho do mal que vem aí. O mundo que você conhece está ameaçado por Aniquilemos, o deus da Aniquilação. Ele encontrou uma brecha.

As palavras sobre Aniquilemos me atingiram com uma carga visceral, e vi o sorriso desaparecer dos meus lábios. Equidade falava sobre Aniquilemos como se fosse mais do que uma ameaça, suas palavras carregavam o peso de um aviso antigo. Imagens vieram à minha mente, quase involuntariamente, como se uma voz sussurrasse a essência dessa entidade, algo que devorava não apenas corpos, mas realidades inteiras, reduzindo tudo a um vazio sem memória, sem rastros. A própria destruição pura. O caos absoluto.

— Isso é sério, Arvel. — ouvi Equidade dizer — Aniquilemos estava aprisionado na Realidade Primordial, mas um desequilíbrio o permitiu alcançar esta realidade. E você pode ajudar a reparar isso.

— Eu? — falei, entre gargalhadas — E por que eu?

— Você é especial...

— Ah, não me venha com esse papo! — retruquei.

— Você não pode fugir do seu destino pra sempre.

— Posso sim! — retruquei, recusando-me a ceder àquele jogo.

A figura continuou firme, os olhos de luz fixos nos meus.

Fechei os punhos e, sem pensar, deixei que a eletricidade roxa explodisse de minhas mãos, lançando um raio em sua direção. Mas, antes que o raio o atingisse, ele desapareceu como uma névoa, dissolvendo-se no ar.

Parei ali, tentando me agarrar a algo real, algo que afastasse aquela sensação de que minha mente estava se desfazendo. Tyler... ele era a razão para essa dor, mas será que essa dor era realmente sobre Harvy?

Equidade... Aniquilemos... Seus nomes ressoavam como lembretes de um abismo do qual eu mal entendia.

Recostei-me novamente no banco, o corpo exausto e a mente em frangalhos. Pela primeira vez, Tyler não era o único assombrando meus pensamentos. Agora havia outras presenças, sombras que espreitavam, prontas para me arrastar para uma guerra cósmica que eu jamais quis. O frio da igreja, as sombras que me cercavam — todo esse lugar parecia um eco do vazio que eu sentia, uma casca vazia, assim como eu. Fechei os olhos, sentindo-me preso e sozinho na escuridão da igreja, ciente de que segredos mais profundos estavam prestes a desmoronar meu mundo.

**

CAPÍTULO TRÊS

Ainda naquela madrugada, eu estava diante da Duncorp, um arranha-céu que rasgava o céu da cidade como uma lâmina afiada, com suas janelas refletindo o brilho dos postes sob a fachada de aço e vidro. A empresa de Tobias Duncan era uma fortaleza de poder, um símbolo intocável de influência e, para mim, um monumento à corrupção. Cada fibra do meu corpo vibrava com a vontade de invadir, de escavar o que Tobias escondia ali. Sabia que entrar naquele prédio era um risco colossal, mas após tudo que já havia perdido, era um risco que eu estava disposto a correr.

Enquanto olhava para o alto, as palavras de Equidade ecoavam na minha mente. Deus da Aniquilação, propósito maior... Era como se sua presença ainda estivesse comigo, uma sombra que me acompanhava. Contudo, apesar de todo mistério que Equidade representava, o que realmente importava para mim era Tobias. Ele era o responsável por livrar o filho da justiça e, com isso, por todas as feridas que eu carregava. A imagem do rosto de Tyler pairava em minha mente, uma presença constante que me guiava. Com Equidade fora do meu alcance, decidi focar no que ainda era concreto: minha vingança.

Depois que Equidade saiu, sabia que dormir seria impossível, então fui até uma biblioteca próxima e entrei escondido para ter acesso a computadores. Pesquisei por “Tobias Duncan” em todos os cantos da internet e só encontrei manchetes superficiais sobre o milionário, minha suspeita apenas se reforçou. Era como se um muro invisível estivesse o protegendo. Tinha que saber o que ele escondia. Saí da biblioteca decidido a encontrar respostas.

Ajustei o capuz e coloquei a máscara tapando minha boca e o nariz. No fundo, sabia que estar ali era mais do que apenas uma busca por vingança, era um confronto contra toda a estrutura que me negou justiça. Olhei ao redor, mapeando o movimento dos seguranças perto da entrada principal do prédio. Precisava fazer tudo discretamente, pelo menos até conseguir as informações de que precisava.

Dei a volta pela lateral do edifício até uma entrada de serviço, onde um grupo de guardas saía para fumar. Aproveitei a distração e me infiltrei pela porta que ainda balançava atrás deles. A cada passo, uma onda de adrenalina percorria meu corpo, acompanhada da sensação crescente de que estava sendo observado. Esperei um instante, ouvindo o som distante de passos que pareciam se aproximar, e logo me escondi atrás de uma parede. Por um segundo, pensei em Tyler, o quanto ele me encorajaria a continuar e a não deixar o medo me dominar.

Parei brevemente ao lado de um mapa do prédio, que exibia a localização das principais salas da Duncorp. A rota até o vigésimo quinto andar estava clara, e o escritório de Tobias Duncan me aguardava no final dela.

Cheguei ao andar desejado usando o elevador de serviço e encontrei corredores frios e monótonos, iluminados por uma luz branca e implacável. O som abafado dos meus passos ecoava ao longo das paredes enquanto eu me movia com cautela em direção à sala que sabia ser o escritório de Tobias. Meu coração batia rápido. O risco de ser pego era real, mas não me importava, eu precisava saber.

Sentindo uma onda de calor percorrer meu corpo, um sinal de alerta de que alguém se aproximava, me escondi atrás de uma coluna. Dois seguranças passaram conversando sobre uma festa de aniversário, e, assim que desapareceram no fim do corredor, continuei. Agora estava perto.

Diante de uma porta sem nome, marcada apenas com o número quinhentos e quatro, testei a maçaneta e percebi que estava trancada. Com um leve empurrão, usei minha força para abri-la. Isso fez um barulho que sabia que podia chamar a atenção, então precisava ser rápido.

O interior do escritório era luxuoso e frio. As janelas iam do chão ao tecto, oferecendo uma visão abrangente da cidade, quase como se o prédio fosse um trono do qual Tobias dominava tudo. Tudo ali exalava uma precisão meticulosa e impessoal. As prateleiras de livros eram organizadas com um rigor decorativo, como se fossem apenas uma encenação. O espaço parecia mais um cenário do que um refúgio de um homem.

Me aproximei do computador sobre a mesa, que exibia uma tela de login. Usando minha eletricidade em uma frequência específica, consegui burlar a segurança, e a tela piscou, revelando um emaranhado de pastas. Rolei pela lista de arquivos, clicando nome após nome, até que um em particular me fez parar: “Neofythos”.

O nome soava arcaico e poderoso, como uma chave para mistérios ocultos. Abri o arquivo, e uma lista de nomes se desenrolou diante de mim. Eram dezenas. Ao lado de cada nome, havia anotações: registros de eventos inexplicáveis e ocorrências que desafiavam qualquer lógica. Roubo de bancos à luz do dia, desaparecimentos súbitos, crimes épicos. Mas o que mais me impactou foi notar que essas pessoas tinham... habilidades: super força, super velocidade, super resistência... como eu.

No meio da leitura, uma pergunta se formou em minha mente: Tobias sabia sobre mim e minhas habilidades? Era possível que ele me estudasse à distância como a esses outros? Ou seria possível que... ele tivesse algo a ver com a origem disso tudo? Nisso, coloquei o documento com os nomes para imprimir. Meus pensamentos foram interrompidos por uma voz cortante.

— Encontrou o que procurava?

Me virei, e ali, parado na porta, estava Harvy. Usava o mesmo terno chique da última vez que nos vimos. O cabelo desalinhado e os olhos marcados de cansaço revelavam que ele, provavelmente, não tinha dormido. O choque me paralisou por um instante, mas logo o fogo da raiva voltou.

— O que tá fazendo aqui? — sibilei, mantendo o tom baixo e ameaçador.

Ele deu de ombros, aproximando-se cautelosamente.

— Acho que tivemos a mesma ideia.

Fiz raios furiosos surgirem dos meus olhos.

— Acho bom ter trazido seus guardas, porque vai precisar.

— Eu não vim pra isso. — ele adentrou a sala e fechou a porta atrás de si — Nosso encontro me fez repensar minhas escolhas. Acho que tá na hora de eu fazer o certo dessa vez. E além do mais, se quer derrubar o meu pai, vai precisar de mim.

— Eu não preciso de você. — retruquei, com os olhos fixos nele, tentando decifrar seu semblante. Por que ele estava ali? E por que não me entregava aos seguranças?

Ele ergueu as mãos em um gesto de rendição e se aproximou com cautela.

— Eu sei. Mas, acredite ou não, quero justiça tanto quanto você. — Seus olhos caíram sobre o arquivo na tela — O que encontrou aí?

Fiz minha energia se dissipar. Olhei para a tela e de volta para ele, sentindo minha desconfiança crescer.

— Parece que seu pai coleciona criminosos com superpoderes.

Harvy assentiu lentamente, a expressão carregada de sombras enquanto tentava absorver a informação. Sem que eu permitisse, ele passou à minha frente, explorando a pasta “Neofyths”.

— O que está procurando? — perguntei.

— Ele anda estudando esses... Neofyths. Tentando entender como as habilidades surgem, como podem ser controladas.

Cruzei os braços, minha voz carregada de acusações.

— Você sabia disso? Sabia que ele fazia isso?

Harvy balançou a cabeça, olhando para o chão.

— Não exatamente. Mas sempre soube que ele mexia com... coisas obscuras.

Senti o desgosto endurecer minha expressão.

— Você acha que ele só os estuda? Ele os manipula. Está usando essas pessoas para cometer crimes.

Harvy desviou o olhar para a janela, como se tentasse enxergar algo além do horizonte.

— Todo homem poderoso tem as mãos sujas, Arvel. Mas eu não imaginei que ele fosse tão longe.

Antes que pudesse responder, passos ressoaram no corredor. Harvy me lançou um olhar de alerta, e fui até a janela. Empurrei-a, sentindo o vento frio da madrugada e saltei, recuperando o controle e flutuando no ar. Nisso, ouvi um grito de desespero, era Harvy que pedia para que eu o tirasse de lá. Um impulso me deteve. Não queria ajudá-lo, mas ele podia ser útil para a investigação. Então, estendi a mão e ele saltou, agarrando-se a mim.

Voamos para longe do prédio, pousando em um parque algumas quadras dali. O silêncio envolveu-nos, e Harvy, ofegante, recostou-se contra uma árvore, com o olhar confuso.

— Ainda não entendo como faz tudo isso.

— Nem eu. — murmurei, desviando o olhar.

Ele ficou em silêncio por um instante, antes de falar com uma voz mais suave, quase quebrada:

— Sinto muito pelo que aconteceu naquela noite. O que aconteceu com ele foi trágico. — Harvy parecia pesar as palavras, como se cada uma carregasse uma culpa insuportável — Naquele dia eu estava bêbado. Não deveria ter dirigido. Mas tinha acabado de descobrir sobre meu pai e seus crimes. Estava fora de mim.

Olhei para ele, sentindo a raiva e a dor lutarem em meu peito. Parte de mim queria acabar com tudo ali, mas a memória de Tyler sorrindo, de certa forma, me deteve.

Sem uma palavra, puxei do bolso o pedaço de papel onde os nomes dos Neofythos estavam anotados e entreguei a ele. Talvez Harvy pudesse provar sua lealdade e descobrir tudo que sabia sobre aquelas pessoas, algo que eu não podia fazer com tanta precisão. Ele tinha mais recursos do que eu.

— Se realmente sente muito, Harvy, então nos encontramos amanhã no museu, mesma hora. Se quer mesmo justiça, é sua chance de provar.

Ele pegou o papel e assentiu, os olhos fixos no meu rosto enquanto eu me afastava. Coloquei o capuz de volta e alcei voo. Sentia meu coração bater forte, mas agora era diferente. Havia algo mais ali. Algo novo e indefinível.

**

CAPÍTULO QUATRO

A madrugada pairava sobre Edelmor como um véu pesado, e eu cortava os céus sob uma cobertura densa de nuvens, sentindo o vento frio rasgar meu rosto enquanto acelerava em direção ao museu. Voar era uma sensação indescritível, uma mistura entre liberdade e um peso esmagador, como se o poder que eu carregava fosse ao mesmo tempo uma benção e uma maldição. Cada rajada de ar noturno me lembrava do peso que eu enfrentava e das perguntas que se acumulavam em minha mente, inquietas e constantes, como sombras que me perseguiram.

Meu dia foi resumido em esperar as horas passarem para me encontrar novamente com o Duncan e com tudo que ele tinha a revelar sobre seu pai e seu projeto com os Neofyths. Sentia o peso das dúvidas se acumulando. Não conseguia afastar a sensação inquietante de que havia algo que não compreendia, algo que Harvy ocultava sob aquele olhar enigmático e aquele tom de voz, sempre soava certo demais, como se ele soubesse de coisas que eu nem ao menos ousava imaginar.

Será que podia confiar em Harvy?

Tive lembranças dolorosas horas antes enquanto o mundo seguia normalmente do lado de fora daquelas paredes de pedra da igreja. O encontro com Harvy no museu se aproximava e eu não conseguia me livrar da sensação incômoda de que aquele caminho me levava a algo irrevogável.

Foi então que uma lembrança tomou forma, ganhando vida em minha mente como uma névoa que aos poucos se revelava sua figura. Tyler. O riso dele ecoou em algum canto esquecido da minha memória, a forma descontraída com que ele lidava com tudo.

Era noite e as luzes das lâmpadas dos corredores do orfanato lançavam um brilho dourado. Não devíamos estar ali, mas nossas fugas noturnas eram o que me mantinham vivo naquele lugar. O ar fresco, o aroma noturno e o som suave de insetos da noite sussurrando ao vento. Caminhávamos lado a lado, sem pressa, o silêncio entre nós se fez mais profundo e confortável do que qualquer conversa poderia ser. O mundo parecia reduzido àquele instante, àquela troca de olhares, e nada além importava.

— Poderia parar de pensar? — Tyler disse num tom suave — Sempre foi bom até demais nisso.

— Não é tão simples assim.

Ele parou e deixou as mãos descansarem em meu ombro. Se aproximou o suficiente para que eu sentisse sua respiração, e o calor da presença de Tyler começou a fazer o

mundo exterior desaparecer. Era um momento frágil, quase como se ambos estivessem conscientes de que qualquer movimento brusco poderia quebrar aquele feitiço.

— Se quiser eu te ensino. — falou em voz baixa — Só precisa confiar em mim.

Ergui o olhar, hesitante, e encontrei o rosto de Tyler muito próximo. Havia algo nos olhos dele que me desconcentrava, uma intensidade que tornava impossível desviar o olhar. Tentei formular uma resposta, mas as palavras pareciam inadequadas, pequenas demais para o que sentia.

— Talvez eu precise mesmo...

Por um momento, Tyler não respondeu, apenas retribuiu o olhar, aproximando-se lentamente até que nossos rostos estivessem a poucos centímetros um do outro. Nossos olhos brilharam com um misto de vulnerabilidade e certeza. Quando finalmente nos aproximamos, nossos lábios se tocaram num beijo suave, quase hesitante, como se ambos testassem a profundidade daquele sentimento.

A cena era nítida como se acontecesse novamente diante meus olhos. A realidade fria e vazia ao meu redor parecia se fechar sobre mim. Tyler se fora, e tudo que restava agora era o eco naquela noite. Uma lembrança que de alguma forma me dava forças para seguir.

Enquanto sobrevoava a cidade adormecida, o brilho das luzes lá embaixo tremeluzia como vaga-lumes aprisionados em seus próprios cárceres de concreto. Pensava em Equidade. Sua voz ressoava em minha mente como uma ordem sussurrada, uma promessa de algo grandioso que ela esperava de mim, e por mais que eu tentasse afastar as lembranças, elas se misturavam com a dúvida e a desconfiança.

Mal senti a presença se formando atrás de mim antes de eu partir, seguindo como uma sombra silenciosa. O ar ficou denso e uma luz tênue começou a emanar, revelando a figura de Equidade. Ela parecia flutuar, imóvel, com seu semblante de calma imperturbável.

— Está indo na direção errada. — sua voz soou como um eco grave, baixa e penetrante, ecoando por todos os cantos da igreja.

Eu me virei devagar, reprimindo a irritação.

— Me deixa em paz!

Equidade deu um passo à frente, e o ar ficou ainda mais pesado, quase sufocante.

— Você pretende se encontrar com o filho de Tobias. Isso não te levará ao caminho certo. Precisar proteger o equilíbrio da Existência!

— Acha mesmo que aparecendo assim no nada e derrubando o mundo em cima de mim vai me fazer seguir você? Não sou uma peça no seu tabuleiro.

O olhar de Equidade cintilou com uma intensidade fria.

— Você ainda não compreende, Arvel. Precisa aceitar que seu destino é maior do que as questões humanas que o atormentam. Harvy e Tobias são apenas peças menores nessa trama.

— Peças menores? — minha voz saiu mais áspera do que eu pretendia — Você fala como se nada disso importasse. Mas Tyler importa. E o que Harvy fez também importa. Não vou me transformar no que você quer.

A luz ao redor de Equidade brilhou intensamente, quase como uma tempestade controlada. Por um instante, achei que ela fosse me atacar. Mas ela continuou imóvel, com um controle absoluto. E então, como se nunca tivesse estado ali, desapareceu, deixando-me ali naquela igreja vazia. Depois daquilo, terminei de me vestir e vooi dali.

Agora, o museu surgia à minha frente. Sua estrutura antiga tinha uma beleza sobrenatural, suas paredes de mármore reluzindo sob a luz difusa da madrugada. A cidade ao redor parecia se curvar em respeito ao local, que parecia guardar segredos profundos e sombrios.

Pousei lentamente no telhado, observando a entrada em silêncio. Eu sabia que precisava confiar em alguém, e que Harvy a talvez fosse a chave para as respostas que eu buscava. Mas cada vez que pensava nele, uma onda de raiva me invadia, entrelaçada com uma sensação estranha de compreensão. Eu sabia como era conviver com a culpa. E, ainda assim, me perguntava: até onde ele estaria disposto a ir para se redimir?

Quando descii para encontrar Harvy, fiz uma última promessa a mim mesmo: enquanto ele fosse útil, eu seguiria com ele. Mas, se ele me traísse, se tentasse algo... eu não hesitaria.

Harvy estava lá, na escadaria central do museu. Havia algo de diferente nele desde a última vez que nos encontramos. E não era apenas a roupa. A tensão em seu rosto, o semblante cansado e as olheiras profundas davam a impressão de que carregava o peso do mundo. O simples fato de vê-lo assim mexeu comigo de uma maneira inesperada.

Ele levantou o olhar ao me ouvir se aproximar e acenou com a cabeça, hesitante. Me sentei ao lado dele, onde ele segurava uma folha de papel amassada com as mãos trêmulas.

— Você veio. — ele murmurou, como se duvidasse que eu realmente apareceria.

— Claro que vim. — minha voz era firme — Agora, o que descobriu

Ele respirou fundo e ergueu a folha de papel entre nós, revelando uma lista longa e rabiscada com uma caligrafia apressada. Nomes. Muitos nomes. Alguns riscados, outros marcados com símbolos estranhos, e ao lado de cada um, breves descrições de crimes e habilidades.

— A lista de Neofythos. — ele começou, a voz um murmúrio tenso — Pessoas como você. Todas monitoradas, controladas... ou melhor, manipuladas pelo meu pai.

Aquelas palavras me atingiram com força. Já sabia que Tobias estava envolvido em algo sombrio, mas ver aqueles nomes... era como encarar meu próprio reflexo em um

futuro distorcido. Harvy continuou, explicando como Tobias usava essas pessoas, estudando-as como peças em um tabuleiro, aproveitando-se das habilidades deles para algum propósito que ele mal compreendia.

— E por que ele estaria interessado nessas pessoas? — perguntei, minha voz baixa, um sussurro de incredulidade.

— Poder. — Harvy respondeu, sem hesitar — Ele quer poder absoluto. Talvez acredite que pode usar essas habilidades para... controlar tudo. Ou talvez queira algo ainda maior.

Eu me afastei, tentando processar tudo. Equidade, Aniquilemos, Neofythos... tudo parecia um quebra-cabeça além de qualquer compreensão. Ainda assim, uma dúvida insistia em permear minha mente.

— Tem um nome que se destaca. — Harvy disse — Chester, ou melhor, Kalfas. Ele está foragido, mas é um dos Neofythos mais perigosos. E tem outro: Clay... ou como ele se autodenomina, Zenobis. Ele está preso na prisão federal de Edelmor.

Ao ouvir o nome, um arrepio percorreu minha espinha. Zenobis. Aquele que poderia saber algo crucial, uma peça importante no jogo de Tobias.

— Preciso falar com ele. — Declarei, minha voz mais firme do que eu esperava.

Harvy pareceu surpreso, mas assentiu.

— Certo... então vamos.

— Não. — retruquei — Vou sozinho.

— Ele franziu o cenho, e a tensão no rosto deu lugar a uma mistura de indignação e determinação.

— Não, Arvel. Isso é perigoso demais para você ir sozinho.

— E você acha que eu não consigo me proteger? — rebati — Eu não preciso de um guarda-costas, especialmente de alguém que ainda está envolvido em tudo isso.

— Não é sobre guarda-costas, Arvel! É sobre estar com você. Precisamos confiar um no outro se queremos parar meu pai.

Revirei os olhos.

Antes que eu pudesse responder, um brilho azul cortou o ar, rápido como um raio, atingindo Harvy no peito. Ele foi lançado contra a parede, desabando no chão desacordado.

Girei o corpo, e vi uma mulher parada na penumbra, cabelos ruivos brilhando sob a luz. A energia azul pulsava ao seu redor, instável e ameaçadora.

— Tobias não está feliz com a intromissão. — disse, a voz suave e cortante — Vim buscar o Harvy, ele tá de castigo.

Sem pensar, avancei.

Com um movimento, liberei um raio roxo na direção dela, mas, com um gesto suave, ela ergueu a mão e criou um escudo de energia azul que absorveu meu ataque sem o menor esforço.

— É só isso? — zombou, os olhos estreitos e calculistas — Achei que os filhos de Adonis fossem mais poderosos.

Filhos de Adonis? Aquilo me fez hesitar por um segundo. Reuni mais energia, as faíscas de eletricidade crepitando ao redor dos meus dedos, e avancei novamente, disparando uma sequência de ataques. Mas ela se movia com graça, desviando como se antecipasse cada movimento meu.

Antes que eu pudesse reagir, ela disparou um feixe de energia azul que me atingiu na lateral, me lançando contra uma das paredes do museu. O impacto reverberou pelo meu corpo, a dor pulsando intensamente enquanto eu me forçava a levantar. Ela já estava a caminho de Harvy, seu olhar fixo nele como se fosse um alvo fácil.

A raiva dentro de mim crescia, mas agora estava mesclada com algo mais: uma sensação de urgência, uma compreensão de que, por mais que Harvy fosse uma ameaça, ele também era a minha única chance de chegar em Tobias.

Ela levantou a mão e Harvy flutuou.

No último segundo, reuni toda a energia que tinha e lancei um único raio roxo que cortou o ar entre nós. A energia colidiu com ela, surpreendendo-a e arremessando-a contra uma parede. Por um breve momento, a aura azul ao redor dela oscilou, enfraquecida.

Aproveitei a distração e me aproximei de Harvy que havia caído de novo. Ele estava desacordado, mas ainda respirava, o peito subindo e descendo de forma irregular. Sem pensar muito, o ergui em meus braços, sentindo o peso dele se acomodar sobre meu ombro. Por mais arriscado que fosse trazê-lo comigo, eu não podia deixá-lo ali.

A mulher estava se levantando, seus olhos cheios de fúria. Eu sabia que ela era forte e que continuar lutando ali seria suicídio. Com um último olhar para ela, disparei pelos céus com Harvy em meus braços, deixando o museu para trás.

**

CAPÍTULO CINCO

Carregar o corpo de Harvy em meus braços era um lembrete incômodo da sua fragilidade e de como, apesar de tudo, estávamos ambos aprisionados na mesma teia que Tobias tecia. Cada metro que avançava pelo céu escuro até o esconderijo me fazia

repensar minhas escolhas. Mesmo com todo o rancor, vê-lo assim me forçava a confrontar algo que eu evitava: eu realmente poderia abandoná-lo?

Alcansei o esconderijo, onde as paredes de pedra desgastadas e janelas quebradas formavam um santuário provisório para os rejeitados, o único refúgio seguro para nós dois. Coloquei Harvy sobre um dos bancos de madeira envelhecidos, onde a luz da lua, filtrada pelas rachaduras, o envolvia em um tom prateado, quase irônico, como se ele fosse inocente. Harvy respirava devagar, lutando para se recuperar, enquanto eu me movia inquieto, sentindo a tensão apertar cada músculo. A sensação de perseguição, a urgência das escolhas... tudo parecia pronto a me esmagar

Enquanto ponderava sobre o próximo passo, o ar ao meu redor começou a pesar, como se a própria atmosfera se tornasse sufocante. Senti a presença antes de vê-la, Equidade estava ali novamente, flutuando no centro do altar. Sua figura emitia um brilho branco e suave, mas sua postura era intransigente. Seu olhar firme atravessava minha exaustão e hesitações, como se fossem irrelevantes diante sua missão.

— Você está desperdiçando tempo, Arvel. — disse ela, sua voz reverberando como um eco baixo pelas paredes frias — Cada minuto é um passo a mais para o desequilíbrio que ameaça a Existência.

Olhei para ela, exausto e irritado.

— Sério? Agora?

Equidade manteve o olhar imperturbável, como se minha frustração fosse uma mera formalidade.

— Decida-se, Arvel!

— Já chega!

Um calor pulsava em meu peito, como uma fogueira que eu não sabia como apagar. As palavras de Equidade ecoavam em minha mente, me incitando, me desafiando. Estava emocionalmente abalado e com a mente fervilhando de perguntas sem respostas. De repente, a sala, o mundo, minha própria pele, tudo se apertava, como se me aprisionassem.

— Já chega! — gritei, e uma energia visceral tomou conta de todo meu corpo, prestes a sair. Tentava contê-la, mas era como um monstro faminto que estava enjaulado.

— Arvel... — a voz fraca de Tyler me fez congelar. Me virei e o vi ali — Tá tudo bem?

A tempestade se foi e o mar se acalmou. Mas, quando o sol voltou a brilhar, vi Harvy tomar a forma de Tyler. O rosto contraído em dor, mas com preocupação em seus olhos. Aproximou-se de mim, estendendo as mãos em um gesto conciliador.

Olhei para ele, e minha raiva diminuiu gradativamente. A sinceridade em seu olhar atravessava todas as barreiras que eu havia construído para me proteger. Ele estava ali,

não como um adversário, mas como alguém disposto a lutar ao meu lado. Senti um vínculo nascer, inesperado, que me fez baixar a mão e respirar fundo.

— O que é aquilo? — falou quando notou Equidade ali.

— Sou o equilíbrio entre o que é e o que não deve ser.

— Consegue vê-la? — Não era coisa da minha cabeça?

— E como não? Está brilhando?

— Ignora, senão ele também vai te dizer coisas malucas!

— Mas como ignorar? Aquilo tá encarando a gente?

— Só... ignora.

Harvy tentou desviar o olhar, mas não conseguia. Então, em cima daquele altar, ele viu o que não devia.

— O que é isso?

Ele avançou e subiu as escadas que dava até uma enorme mesa. Lá ele encontrou todos os papéis com as informações que colecionava sobre ele e sua família.

— Andou me espionando?

Não queria negar o óbvio.

— Como acha que te encontrei no museu?

— Isso aqui é... doentio...

— Tamo fazendo a mesma coisa com seu pai.

— Isso é... diferente. — até que algo em específico chamou sua atenção.

— O que sabe dela?

Ele se referia a uma foto de Karmen Duncan, a mãe de Harvy.

— Não encontrei nada. Pensei que ela estava morta.

— Na verdade... — Harvy pareceu esquecer a raiva e outra coisa pior tomou conta de sua mente: a dúvida — Ela foi embora. Mesmo assim, você é doente!

— Todos nós somos. Não vem me julgar agora! Precisamos falar do que aconteceu no museu.

— O que aconteceu no museu, afinal?

— Uma mulher... uma serva de seu pai. — murmurei, ainda processando os eventos — Ela tentou te levar. Mas... por quê? E como alguém com aquele poder poderia servir Tobias?

Harvy franziu a testa, pensativo.

— Pode ser que ela seja um Neofytha, como Clay, ou você... Talvez ele a tenha manipulado... — ele hesitou, como se tentasse unir peças dispersas.

Ao ouvir o nome de Clay, uma determinação implacável surgiu em mim. Ele era a única pista concreta, alguém que detinha informações cruciais. Precisávamos encontrá-lo, não importava o risco.

— Então vamos atrás dele. — decidi — Precisamos ir à prisão e descobrir o que ele sabe.

Harvy assentiu, ainda com o semblante cansado, mas decidido.

*

A prisão se erguia como um monólito de concreto, cercado por arame farpado e guardas armados. Mesmo à luz do dia, o local parecia eternamente envolto em sombras. Após os procedimentos de segurança, fomos conduzidos à sala de visitas, onde aguardávamos a chegada de Clay. Harvy permanecia em silêncio, o rosto tenso, enquanto eu tentava acalmar meu próprio nervosismo. A conversa com Clay seria decisiva.

A porta se abriu, e dois guardas entraram, carregando um homem de cabelos grisalhos e olhar vazio. Ele estava envolto por um tipo de armadura de ferro, impossibilitando que mexesse qualquer membro abaixo do pescoço. Havia uma frieza inquietante nele, uma escuridão densa como uma sombra viva. Ele foi posto diante nós e seus olhos se fixaram em mim, e uma sensação estranha percorreu meu corpo, algo entre repulsa e... reconhecimento.

— Arvel, não é? — ele me analisou por um instante, um sorriso irônico brotando em seus lábios — Nunca me canso de conhecer mais um irmão.

A palavra “irmão ecoou pela sala, me causando um calafrio.

— Irmão? — repeti, incrédulo, enquanto a palavra queimava em minha mente. Um irmão? Seríamos conectados pelo mesmo tipo de poder?

Ele assentiu, o sorriso crescendo.

— Sim. Somos filhos do mesmo pai. O deus do caos. Meu nome é Clay... mas meu nome verdadeiro é Zenobis. E qual é o seu, irmão?

Uma onda de confusão me dominou. Deus do caos... quem era eu afinal?
Antes que pudesse responder, Harvy interveio, sua voz repleta de urgência.

— Pensei que se chamassem Neofythos.

— Neofythos, Aeofythos... quem liga para esses nomes ridículos? Somos filhos do universo, criaturas da desordem.

— Quem são os Aeofythos? — questionei, tentando compreender.

— Aqueles nascidos do poder bruto, da magia... acham que estou aqui para brincar? — ele riu, os olhos fixos em mim — O que realmente querem de mim?

— Queremos informações sobre Tobias Duncan. — Harvy se adiantou, direto.

Clay desviou o olhar para Harvy, o rosto se fechando em uma expressão de desdém.

— Isso não é problema de vocês. — ele olhou para os guardas e fez um sinal com a cabeça, como se quisesse encerrar o diálogo — Acabou.

— Espere! — Harvy implorou, o desespero evidente na sua voz — Por favor... você sabe de algo que nos ajude a detê-lo?

Clay se levantou, e um brilho sombrio passou por seus olhos.

— Não há nada que possam fazer. — disse, enquanto os guardas o conduziam para fora.

No instante em que ele alcançou a porta, o alarme da prisão soou, ecoando como um grito ensurdecedor. Olhei para Harvy, cujo rosto refletia puro terror.

— Estão aqui! — murmurou Clay, com um brilho de loucura — vieram me pegar!

Antes que pudéssemos reagir, a porta foi aberta com um estrondo. A mulher ruiva entrou, seu sorriso cruel e energia azul radiante preenchendo a sala. E ela não estava sozinha.

— Vieram por mim! Eu não vou voltar! — Clay gritou, e o medo em seus olhos era quase palpável.

Ela ergueu a mão, e uma onda de energia azul avançou em nossa direção. Me joguei para o lado, puxando Harvy comigo, enquanto a sala se transformava em um campo de batalha. Os dois homens que a acompanhavam avançaram com uma velocidade

sobrenatural, e o choque foi imediato. Me atingiram no peito com uma força descomunal, me lançando contra a parede de pedra com um estrondo que reverberou pela cela.

Tentei me recompor, mas os ataques vieram implacáveis. Cada golpe que recebia parecia mais brutal que o anterior, minha visão estava ficando turva a cada pancada. Tentei me defender, atacando com tudo que podia, mas os inimigos eram rápidos demais, esquivando-se e retaliando com uma força sobre-humana.

— Arvel! — Harvy avançou para tentar ajudar, mas foi interrompido pela mulher de cabelos ruivos, que ergueu a mão e disparou um feixe de energia azul em sua direção. Ele recuou, evitando o golpe por pouco, mas percebeu que ela não pretendia deixá-lo passar.

Já eu, estava encurralado, minha força se esvaindo sob a brutalidade dos golpes. Ofegava, sentindo o sangue quente escorrer pelo rosto, a dor em meus ossos se intensificando a cada golpe. Olhei para cima, vendo os capangas se aproximarem para o golpe final. Eu não tinha como continuar.

E então, o tempo pareceu parar.

Um brilho intenso encheu a sala, uma luz branca que parecia impossível de ser ignorada. Senti uma presença ao meu lado, uma presença imponente e serena. Ergui os olhos e ali estava ela: Equidade. Sua figura etérea flutuava no centro da sala, seus traços finos e austeros envoltos em uma luz que parecia ter um peso celestial.

Ela ergueu uma das mãos, e os capangas foram lançados com força para o outro lado da sala. A mulher ruiva atacou com uma poderosa rajada de energia, mas Equidade criou um campo de força ao nosso redor. Seu manto esvoaçante e o poder que irradiava colidiram com a energia azul da mulher.

Com um gesto firme, ela nos envolveu em um vórtice de luz e, num piscar de olhos, fomos transportados para um lugar calmo e isolado. Harvy estava ao meu lado, atordoado, mas vivo.

Equidade nos observava, seu olhar carregado de determinação.

— Não há mais tempo para hesitações, Arvel. Você precisa entender a profundidade da batalha que está por vir.

Senti o peso das suas palavras, questionando se ainda tinha escolha... ou se a decisão, de algum modo, já havia sido feita.

**

CAPÍTULO SEIS

O vórtice ao nosso redor se dissipou em uma explosão de luzes oscilantes. Senti o chão firme sob meus pés, mas, ao olhar ao redor, percebi que não estávamos em nenhum lugar que eu reconhecesse. Harvy, ao meu lado, ainda ofegava, e seus olhos investigavam o ambiente como se buscasse alguma explicação racional para onde

estávamos. Ao nosso redor, havia uma vastidão surreal, sem começo nem fim, onde luzes suaves pulsavam em tons de roxo, azul e branco. Era como se estivéssemos suspensos entre o concreto e o etéreo, um espaço que existia além dos limites da realidade. A sensação era de estar preso entre o instante de um último suspiro e o primeiro de um novo despertar, um limiar entre a vida e a morte.

Equidade estava à nossa frente, envolta em uma luz tão intensa que quase doía olhar para ela. Havia algo de quase divino em sua postura, e, apesar de sua expressão serena, notei uma gravidade que nunca havia visto antes. Ela nos fitava como se estivesse examinando cada camada do nosso ser, buscando algo oculto nas profundezas da nossa alma.

— Bem-vindos ao limiar da Existência — disse ela, e sua voz ecoou pelo espaço, vibrando em tons baixos e profundos. — Aqui, entre a realidade e o vazio, as fronteiras são... tênues. — ela se virou para mim — Eu o trouxe até aqui para que compreenda a verdade que há muito o acompanha.

Pisquei, sentindo as palavras de Equidade se arrastarem pela minha mente como sombras inquietas.

— A verdade? Que verdade? — perguntei, minha voz reverberando no vazio. Equidade começou a caminhar ao nosso redor, seus pés flutuando sem tocar o chão, e cada movimento dela exalava uma dignidade antiga e misteriosa, como se estivesse sustentando o peso de milênios.

— A verdade, Arvel, sobre quem você realmente é e o que seu sangue carrega. Seus poderes sempre foram... diferentes, não? Há uma razão para isso.

Meu coração disparou, e senti um peso denso se formar no peito. Equidade me fitava com uma compaixão distante, mas havia algo em seu olhar, uma preparação para o impacto inevitável das revelações que viriam.

— Você é filho de Adonis, o deus da Matéria Escura, e de Leda Foster, uma Aeofytha — revelou ela. — Adonis, uma força divina da energia pura, e Leda, uma mortal transformada pela força cósmica de Faidra, a deusa da Energia Cósmica. Sua linhagem é... singular. Diferente dos outros filhos de Adonis, você é o único híbrido deus e Aeofytha. Por isso seu potencial é tão ilimitado.

As palavras de Equidade pareciam ecoar pela minha mente, cada uma mais pesada que a anterior.

— Então... é por isso que meus poderes são assim? — minha voz vacilou. Durante toda a minha vida, uma parte de mim sempre questionou o que me tornava tão... diferente.

Equidade assentiu, o olhar firme.

— Sim. A essência de um deus e de uma Aeofytha corre em suas veias. Leda, sua mãe, foi uma das primeiras a receber as habilidades cósmicas de Faidra. Mas os motivos de Faidra não eram altruístas.

O nome de minha mãe, Leda, ressoava em minha mente, misturado a uma onda de dor e vazio. Equidade continuou, implacável, mas a cada palavra senti o peso da herança que carregava.

— Faidra? — murmurei, a voz baixa e hesitante.

— Sim, Faidra. — continuou Equidade, com uma tristeza velada em seu tom. — A deusa da Energia Cósmica. Ela viu potencial nos humanos na antiguidade, mas ao se aproximar deles, percebeu sua natureza destrutiva. Isso a encheu de desprezo. Decidiu criar uma raça superior a partir deles: os Aeofyths, seres dotados de poder cósmico e capazes de manipular forças sobrenaturais. Foi assim que sua mãe se tornou uma Aeofytha.

Um nó se formou em minha garganta. Havia tanto em jogo, e a cada revelação, eu sentia o peso crescer.

— Mas... por que conceder tanto poder aos humanos?

— Porque Faidra acreditava que o caos era a chave para a evolução, e que somente os fortes sobreviveriam. Ela queria que os Aeofyths dominassem o mundo, subjugassem os fracos e estabelecessem uma nova ordem. — a voz de Equidade carregava um tom sombrio, e as luzes ao nosso redor pareceram escurecer — Mas Faidra não previu as consequências. A magia e o sobrenatural que ela espalhou abriram uma brecha entre as realidades, dando espaço a forças como Aniquilemos.

Ao ouvir o nome, um calafrio percorreu minha espinha. Parecia que cada letra que compunha "Aniquilemos" carregava o eco de um apocalipse inevitável. Equidade ergueu a mão, e imagens surgiram ao nosso redor: ruínas de cidades, céu coberto de tempestades e sombras vorazes engolindo o horizonte. Era uma visão do mundo consumido por algo além da compreensão, um cenário onde a própria existência se desintegrava.

— Aniquilemos é o deus da Aniquilação, uma força da Realidade Primordial que jamais deveria cruzar para o nosso plano. A fissura que Faidra criou lhe deu a oportunidade que ele aguardava. Agora, ele está cada vez mais próximo de romper a barreira.

— Mas se Faidra criou os Aeofyths há muito tempo e abriu a brecha, por que só agora você decidiu agir? — Harvy perguntou.

— Pois agora tem alguém desse lado ajudando a expandir ainda mais essa brecha de forma proposital. Juntando um poder incalculável para que Aniquilemos reine.

— Quem?

— É pra isso que preciso de você, Arvel.

Minha mente lutava para processar aquilo. Talvez Tobias fosse parte desse caos. Ele não era apenas um corrupto; era um agente de algo maior, parte de um plano para trazer Aniquilemos ao nosso mundo. Uma determinação ardente cresceu dentro de mim.

Por um momento, o peso da responsabilidade e a magnitude do que Equidade pedia me sobrecarregaram. Mas, então, imaginei o sorriso de Tyler, aquele brilho nos olhos que sempre trazia calma. Senti como se Tyler estivesse ali, sussurrando, me encorajando, e, de repente, a hesitação se dissipou.

— Eu vou impedir Aniquilemos. — declarei, minha voz firme. — Vou fechar essa brecha antes que ele consiga entrar neste mundo.

Equidade se aproximou, seu olhar cheio de expectativa e gravidade.

— Para isso, você precisará entender quem realmente é. A essência de Adonis em você é poderosa, mas incompleta. Para enfrentá-lo, você terá que dominar essa energia, e só ele poderá lhe ensinar.

A pergunta que me assombrava desde sempre emergiu com força.

— Onde estão meus pais, Equidade? Onde está Adonis?

Ela hesitou, e uma tristeza passou por seu rosto.

— Sua mãe, Leda, morreu no parto. Ela sabia que sua essência seria mais forte que a de qualquer Aeofytha, e que sua vinda ao mundo cobraria um preço. Ela escolheu dar a própria vida para que você pudesse nascer.

As palavras perfuraram minha mente como uma faca, e senti meu peito se apertar. Minha mãe... tinha se sacrificado por mim. A vida que eu levava tinha custado a dela. Sentia uma dívida avassaladora crescer dentro de mim, o peso de carregar um legado pelo qual uma vida foi dada. O que significava, agora, o meu propósito?

— E meu pai? — perguntei, tentando manter a voz firme.

— Adonis desapareceu há meses. Mas se alguém pode ensinar você a controlar a Matéria Escura, é ele.

Fechei os punhos, lutando para não deixar a frustração me vencer.

— Então ele pode estar vivo. Se eu o encontrar... ele pode me ajudar a deter Aniquilemos.

Equidade assentiu, o rosto um misto de advertência e esperança.

— Sim. Mas o caminho que você escolheu será árduo, Arvel. Cada ser que vive neste mundo dependerá de sua capacidade de enfrentar o caos, de lutar contra a própria essência quando necessário.

Olhei para Harvy ao meu lado, absorvendo tudo em silêncio, sua expressão uma mistura de compaixão e receio. Ele parecia hesitante, e a magnitude das revelações podia ser um peso difícil de suportar.

— E você, acha que consegue lidar com tudo isso? — perguntei, observando o conflito em seu rosto.

Harvy hesitou, olhando ao redor, quase como se ponderasse se deveria seguir comigo nessa jornada. Por um instante, senti medo de que ele recuasse, mas então, ele respirou fundo e assentiu.

— Eu... estarei com você. Mesmo que tudo isso seja... insano.

Respirei fundo, sentindo a força de uma decisão crescer dentro de mim. Eu estava pronto para enfrentar essa missão. Por Tyler e por todos. Equidade me observou em silêncio, e percebi nela um reconhecimento silencioso, como se visse em mim algo que ela esperava encontrar.

— Então vá, Arvel. Encontre Adonis. Aprenda a dominar seu poder. E esteja preparado, pois Aniquilemos se aproxima.

Sabia que a única coisa que restava agora era encontrar meu pai. A última esperança que eu tinha para enfrentar o caos.

— Mas... — hesitei — onde começamos a procurar por um deus desaparecido?

**

CAPÍTULO SETE

O vento cortava meu rosto enquanto voávamos em direção ao prédio que Equidade havia indicado como sendo a última morada de Adonis. Para um deus, ele vivia bem próximo dos mortais. Carregava Harvy em meus braços, seus olhos fixos no horizonte, refletindo uma mistura de expectativa e medo. A urgência de nossa missão pulsava no ar. Adonis, meu pai, poderia estar ali, ou ao menos haveria algo que nos levasse até ele, uma pista, uma conexão que nos guiaria em meio ao caos crescente.

Quando avistamos o prédio, pousamos no terraço. Era uma estrutura antiga e sombria, as paredes de tijolos escurecidos pelo tempo cobertas por musgo, abandonadas, mas não desprovidas de uma estranha imponência.

No terraço, vi alguns homens cercando uma figura agachada. Avançamos em silêncio, e pude ouvir a voz de um deles, carregada de desdém.

— Você traiu Tobias, Alkmene. — disse ele, em tom ameaçador — Ele não perdoa traições, e você... vai pagar o preço.

A garota ergueu o rosto. Seus olhos refletiam uma determinação feroz, mesmo sob a ameaça. Havia algo no modo como ela se mantinha firme que me fez hesitar. Harvy me

olhou, e com um aceno, sinalizou que estava pronto. Não sabíamos quem era, mas se estava contra Tobias, podia ser uma aliada. Disparei em direção ao grupo, e a eletricidade roxa crepitou ao meu redor. Num movimento rápido, lancei um raio que arremessou o soldado mais próximo contra a parede.

Eles eram fortes, mas agora estava mais preparado para lidar com eles. Era como se meu corpo aprendesse como enfrentar aquele tipo de inimigo, como se tivesse me adaptado.

Enquanto eu lidava com os quatro capangas de Tobias, Harvy correu até a garota, agora identificada como Alkmene, e se agachou ao seu lado, desfazendo suas amarras. Ela o observava com cautela, mas não protestou.

Assim que o último deles caiu, me aproximei. Alkmene se levantou, lançando-nos um olhar inquisitivo e desafiador.

— Quem são vocês? — a voz dela era firme, mas carregada do cansaço de quem esteve em guerra por muito tempo.

Agora que estava de pé, pude observá-la melhor. Era uma jovem de pele negra, olhos profundos e intensos, que carregavam um misto de dor e experiência. Seu cabelo cacheado, com algumas mechas que refletiam a luz do terraço. Ela usava uma capa azul adornada com bordados prateados que brilhavam suavemente, dando-lhe um ar místico. Ela não era apenas uma fugitiva; cada movimento seu, cada gesto, revelava uma história de lutas e segredos.

— Eu sou Arvel, e este é o Harvy. — apresentei-nos, tentando mostrar que não éramos uma ameaça.

Ela hesitou, analisando-nos por um momento, como se tentasse ler além das nossas palavras.

— Alkmene Balvedo. — respondeu, antes de se virar para Harvy. — E você... é filho de Tobias. — vi o brilho azul de seu poder reluzir nas mãos dela, era uma Aeofytha — Por que me salvaram?

— Eles iam te matar! — respondeu Harvy, firme, mas com uma nota de incerteza. — E por quê?

— Isso não interessa agora.

Alkmene desviou o olhar, uma faísca de amargura no rosto, quase como se não achasse que sua vida fosse de fato merecedora de resgate.

Quando Alkmene se virou e começou a caminhar em direção à porta que dava acesso ao prédio, o ar ao nosso redor pareceu vibrar, carregado de uma tensão palpável. Decidimos segui-la e cada passo que dávamos, ecoava pelo corredor estreito, um som solitário e sinistro, até chegarmos a um dos apartamentos. Ela usou seu poder telecinético e abriu passagem.

Ao atravessar a entrada, uma presença invisível parecia deslizar ao nosso redor, como uma onda silenciosa de energia densa. Havia algo nas paredes daquele lugar, algo antigo e sombrio que pulsava com uma cadência quase viva. Era uma assinatura indelével, gravada profundamente nos alicerces e nas sombras das paredes. Essa energia, ao

mesmo tempo atrativa e avassaladora, parecia nos observar, espreitando cada movimento.

— Esse é o apartamento do meu pai. — disse para Harvy, minha voz saindo em um murmúrio baixo, tentando conter o turbilhão de emoções que começava a emergir.

Alkmene parou no centro do aposento. Sua figura, enigmática e resoluto, parecia absorver a densidade do ambiente. Ela nos observou com um olhar analítico, quase como se estivesse confirmando um segredo guardado por eras.

— Claro! Você é um deles! Como não notei antes? — sua voz carregava uma mistura de espanto e algo que parecia se assemelhar a arrependimento — Sim, Adonis usava este lugar para armazenar seu conhecimento.

— Por que traiu o meu pai? — Harvy soltou.

— Por que *você* traiu o seu pai? — ela rebateu.

— Nunca servi ele, na verdade. Eu só finalmente decidi fazer o certo. E quanto a você? O que te levou a seguir ele?

Ela respirou fundo, como se pesasse suas próximas palavras. Seus olhos escureceram, e um olhar sombrio atravessou seu rosto.

— Acreditava que ele tinha um propósito maior, que buscava o equilíbrio. Durante anos fui sua aliada, sua agente. — Sua voz endureceu, e senti que as palavras que seguiriam carregavam a amarga essência de traições passadas — Mas percebi a verdade quando ele usou a energia de Adonis para fins obscuros.

— Meu pai? — perguntei espantado.

— Sim. Ele o capturou e começou a fazer experimentos com ele.

Meu estômago se revirou com a ideia de meu pai sendo usado como uma cobaia.

Enquanto Alkmene falava, sua expressão transformava-se lentamente. Seus olhos se perderam em uma memória distante, e, por um breve instante, tive a sensação de que aquele apartamento se desdobrava em outras cenas, em outras épocas. Era como se o próprio local evocasse fragmentos de um passado sangrento e cruel, trazendo à tona rostos de desconhecidos e gritos abafados no ar. Vi, nos olhos de Alkmene, vislumbres de sombras: figuras envoltas em experimentos obscuros, pessoas sendo manipuladas e sacrificadas, uma teia de escuridão tecida sob a influência de Tobias.

— Experimentos? — Harvy perguntou, a testa franzida, o tom impregnado de desconfiança e surpresa.

Alkmene assentiu lentamente, mas seu rosto estava agora marcado por uma expressão de puro desgosto, o mesmo tipo de expressão que alguém teria ao encarar uma ferida apodrecida que não poderia ser curada.

— Não eram apenas experimentos — murmurou ela, como se as palavras fossem veneno. — Eram distorções da vida e da essência. Tobias acreditava que poderia fundir almas e matéria, misturar essências e violar o equilíbrio natural... e tudo isso com a energia de Adonis. Ele queria criar uma legião que obedecesse apenas a ele, moldada em um poder que nunca deveria ter sido tocado.

Senti um frio percorrer minha espinha, uma mistura de pavor e repulsa. O peso das palavras de Alkmene se fundiu com a energia pesada do apartamento, como se o próprio local gritasse em agonia silenciosa.

— Ele usava pessoas como cobaias, testava os limites da magia cósmica, explorando o que podia fazer. Foi assim que encontrou Adonis e drenou seu poder para abrir uma brecha entre as realidades. Quando vi o que Tobias realmente planejava, soube que jamais poderia apoiar aquilo.

— O que mais Tobias planeja? — perguntei, minha voz carregada de raiva.

— Ele quer trazer Aniquilemos, o deus da Aniquilação. Acredita que terá um trono ao lado dele no fim de tudo — Alkmene respondeu, cerrando os punhos — Deixei Tobias assim que entendi. Ele não quer poder; quer ver o mundo em ruínas. O diário do seu pai, Arvel, pode conter a chave para detê-lo.

Harvy deu um passo à frente, sua voz marcada pela insegurança.

— O que poderia nos ajudar?

Alkmene hesitou, depois respondeu em um tom quase sussurrado.

— Não o que. Quem. Faidra. A irmã de Adonis. Ela possui o poder da Energia Cósmica e criou os Aeofythos. Se alguém pode fechar a brecha, é ela. Talvez tenha algo no diário que me leve até ela.

Suas palavras reverberaram em minha mente. Faidra... A deusa que havia desprezado os humanos e iniciado tudo isso. Poderíamos confiar nela? E se ela fosse tão imprevisível quanto Tobias? Era difícil decidir, mas sabia que a escolha precisava ser feita.

Como se respondendo aos meus pensamentos, a atmosfera ao nosso redor começou a se transformar. Uma luz fria e sobrenatural envolveu o ambiente, lançando sombras em ângulos incomuns. Equidade havia aparecido, e com ela uma pressão quase esmagadora, um silêncio espectral que fez a respiração de todos prender por um segundo. Alkmene recuou instintivamente, os olhos arregalados de surpresa.

— Faidra não será útil para vocês — disse Equidade, sua voz cortante como lâmina. Ao seu redor, a luz parecia pulsar, quase como se o espaço ao nosso redor estivesse deformando com sua presença — Ela é a causa da brecha. Ao criar os Aeofythos, desequilibrou a balança da Existência e abriu espaço para o caos de Aniquilemos.

Alkmene a olhou, a confusão e o ceticismo claros em seu rosto.

— Que merda é você?

— Ela é a Equidade. Responsável pelo equilíbrio da Existência. — respondi.

— E você não pode fazer nada? — Alkmene questionou.

— Não diretamente. — Equidade foi direta — E nem Faidra.

— Mas... ela buscava uma criação além do caos. Queria ordem.

Equidade a fitou com uma expressão inabalável, mas havia uma frieza impassível em sua voz, como um eco antigo.

— A criação dos Aeofythos foi um erro que quase destruiu a ordem que ela alegava defender. A ambição de Faidra gerou a brecha que está consumindo a realidade.

Harvy deu um passo à frente, hesitante.

— Mas se Faidra causou tudo isso, talvez ainda saiba como consertar.

Equidade permaneceu em silêncio, e por um breve momento, pareceu hesitar, como se pesasse o risco. Então, ela me olhou, seus olhos cheios de expectativa e uma pergunta silenciosa, quase como se me pedisse para decidir o que fazer.

Tomei um fôlego profundo, a dúvida e a responsabilidade lutando dentro de mim. Se Faidra poderia fechar essa brecha, então talvez arriscar buscar sua ajuda fosse a única opção. Mas confiar em uma deusa que trouxe o caos... era um fardo pesado.

— Equidade, se há uma chance, mesmo mínima, de Faidra nos ajudar a impedir Aniquilemos, então precisamos encontrá-la — disse, tentando manter minha voz firme, apesar da dúvida.

Alkmene assentiu ao meu lado, o olhar decidido.

— Ela é nossa única esperança, Arvel. Eu vou com vocês.

Equidade ficou em silêncio por um longo momento antes de acenar em concordância.

— Muito bem. Mas lembrem-se: Faidra não é uma aliada dos humanos. Estejam preparados para o que for necessário.

Com um movimento de sua mão, Equidade abriu um portal, girando com uma energia densa e infinita. As luzes do vórtice pulsavam ao nosso redor, e trocamos olhares rápidos. Vi um reflexo de preocupação nos olhos de Harvy, mas ele assentiu, segurando meu ombro brevemente antes de se preparar para o salto.

Com um último olhar determinado, entramos no portal, rumo a Faidra, nossa última esperança de salvar a realidade da aniquilação iminente.

**

CAPÍTULO OITO

O vilarejo de Rea se estendia diante de nós, desolado, como se o próprio tempo tivesse abandonado o lugar. Cada pedra e cada ruína carregavam o peso de histórias esquecidas, exalando um silêncio profundo e opressor que parecia vivo. No centro da paisagem, o domo de energia que envolvia o local cintilava em tons de azul, como uma bolha cósmica que isolava Rea do resto do mundo. Ao meu lado, Alkmene observava a barreira, enquanto Equidade se aproximava, concentrada, e abria uma brecha no domo com um movimento de mão, desfazendo a energia como se fosse uma fina camada de tecido.

Assim que cruzamos a barreira, uma mudança sutil tomou o ar. A temperatura caiu, e um odor acre e podre se espalhou ao nosso redor, intensificando-se com cada passo que dávamos em direção ao centro do vilarejo. O desconforto em Harvy era palpável, refletindo o meu. Algo terrível aguardava, mas continuamos. Recuar não era uma opção.

Enquanto caminhávamos pelas ruínas de Rea, o som de nossos passos quebrava o silêncio espesso do vilarejo. O ar pesado tornava cada respiração um esforço, mas a presença dos outros tornava o fardo menos solitário. Equidade seguia em distante do resto do grupo, como se nos vigiasse de longe.

— Este lugar tem... um charme sombrio, eu diria. — murmurou Harvy, os olhos percorrendo as paredes quebradas e as vigas carbonizadas que um dia sustentaram lares. Seu tom carregava uma nota de sarcasmo, uma tentativa clara de aliviar a tensão.

Alkmene sorriu de canto, os olhos atentos aos detalhes ao redor.

— Charmoso, talvez não seja a palavra mais apropriada. — comentou, sua voz baixa mas firme — Mas posso entender o que quer dizer. Lugares como este... deixam marcas.

— O que aconteceu aqui? — perguntei, me virando para Equidade que parecia saber a resposta, mas não disse nada.

Alkmene lançou um olhar na minha direção, seu semblante endurecendo por um breve instante.

— Acho que uma guerra. Ou várias. — sua expressão suavizou, e uma pequena chama de empatia brilhou em seus olhos.

Harvy suspirou, com uma nota de desdém, embora suave. Ele ergueu uma pedra do chão, examinando-a como se fosse um artefato raro.

— Às vezes, uma ruína é só uma ruína.

Alkmene ergueu uma sobrancelha, mas um sorriso malicioso espreitou em seu rosto.

— E é assim que você se protege, Harvy? Tornando tudo superficial?

Harvy a olhou por um instante, a tensão se dissipando em um sorriso resignado.

— Digamos que ajuda a manter a sanidade. — e lançou a pedra de volta ao chão, o som ecoando como uma batida solitária no vilarejo abandonado.

— Não esperava menos do filho de Tobias.

— Aí! — Harvy disse em tom sarcástico. Ele não pareceu ofendido, como se já estivesse acostumado com esse tipo de tratamento.

— Arvel, por que confia nele? — ela perguntou

— Não confio. Ele só é útil.

Vi o olhar de Harvy, mas não o encarei o suficiente. Talvez ele notasse minha barreira, talvez ele notasse quem eu era, não podia arriscar.

O diálogo se esvaiu, deixando uma compreensão tácita entre nós. Em meio às ruínas de Rea, éramos todos um pouco como aquelas paredes quebradas, sustentando o que podíamos, enquanto ainda explorávamos as sombras que nos rodeavam.

À medida que passávamos pelas construções antigas, que se erguiam como gigantes sombrios, uma presença invisível nos envolvia, tornando o ar mais denso, quase irrespirável. De repente, fomos erguidos no ar, paralisados, incapazes de mover sequer um dedo.

Uma onda de energia azul, fria e vibrante, encheu o espaço ao nosso redor. Das sombras emergiu uma figura. Uma mulher de cabelos brancos, com olhos que brilhavam em um azul-fosco, o rosto marcado pela fúria e pelo cansaço. Estava envolta em um manto de energia cósmica que exalava poder, mas havia algo nela que parecia quebrado, uma mágoa que se misturava à sua presença.

— Quem são vocês? — perguntou ela, a voz carregada de uma hostilidade fria. — Invasores em minha terra...

Equidade, livre da contenção, avançou.

— Sempre soube que trazer deuses ao mundo mortal causaria problemas. Sua criação dos Aeofythos abriu a brecha que ameaça a Existência, Faidra. Sei o que você fez e que, em breve, pagará por seus crimes.

Os olhos de Faidra brilharam com uma raiva contida, e uma risada amarga escapou de seus lábios.

— Crimes? — ela riu, um som que ecoava pelas ruínas ao nosso redor — Eu criei os Aeofythos para ajudar a humanidade, mas eles me traíram, assim como vocês traem minha paciência agora.

A raiva estava me libertando das amarras tele cinéticas quando a energia ao redor dela cresceu, imensa e incontrollável. Ela ergueu a mão e lançou uma onda de energia cósmica em nossa direção, rápida e devastadora. Me soltei e lancei um raio de eletricidade roxa contra o ataque, tentando conter parte da energia. O impacto me derrubou, mas logo me levantei, com a raiva e o poder queimando em mim como uma tempestade.

Sabia que, se deixasse essa energia me consumir, talvez pudesse enfrentá-la em igualdade. Avancei, lançando tudo o que tinha. O choque entre nossos poderes fez o chão tremer. A onda de energia veio contra mim e caí. Nisso, ela me ergueu com a mente e me lançou de um lado para o outro. Cada golpe parecia me fortalecer, mas a fúria de Faidra aumentava, implacável, cada vez mais impregnada de desdém.

Quando percebi que meus ataques não eram suficientes, senti a presença de Equidade ao meu lado. Ela se colocou entre mim e Faidra com um olhar de advertência. Ergueu a mão e, em um movimento suave, prendeu Faidra em um cubo de energia brilhante, isolando seu poder. Faidra se debatia, os olhos queimando de ódio, mas Equidade permanecia firme.

— Eles quebraram seu coração, Faidra. — disse Equidade. — Ou foi Galya?

— Não diga o nome dela! — Faidra gritou, presa no cubo.

— Galya? — perguntei, surpreso, tentando compreender o que aquilo significava.

Equidade me lançou um olhar, como se decidisse que eu precisava entender aquela história para continuar. Sua voz era neutra, mas havia uma pena contida em suas palavras.

— Faidra veio à Terra junto a Adonis no século XV. Foram protegidos por um espírito guardião e viveram entre os humanos. Faidra se apaixonou por uma aldeã chamada Galya, que descobriu seus poderes. Mas, ao tentar viver livre com ela, atraiu a ira dos homens, e Galya foi queimada como bruxa. Desde então, Faidra guarda um ódio silencioso pela humanidade.

Ao ouvir aquelas palavras, uma onda de emoção tomou conta de mim. A dor de Faidra parecia atravessar os séculos, marcada por uma perda que a havia moldado, assim como a minha perda havia me transformado. Eu me aproximei, tentando encontrar alguma conexão com aquela deusa ferida.

— Eu também perdi alguém que amava — murmurei, sentindo o peso da minha própria dor. — E se ele estivesse aqui, pediria que eu protegesse quem ainda vive.

Faidra, ainda presa, olhou para mim com um desprezo vazio.

— Vocês são tolos se acreditam que amor ou fé mudarão o destino. Galya morreu pelas mãos humanas, e eu... Eu não me importo com a humanidade.

O silêncio tomou conta do espaço, e senti que minhas palavras a haviam tocado de uma forma sutil, quase imperceptível.

— Não estou tão forte como antes. Criar os Aeofythos me drenou.

— E a influência de Aniquilemos na Realidade Secundária continua a drená-la — completou Equidade.

— Aniquilemos? — Faidra murmurou, surpresa.

— Você não sabe quem ele é? — Alkmene perguntou.

— Os deuses vieram à Terra para escapar dele. Não lembram de nada antes disso. Se aprisionarmos Aniquilemos novamente, você poderá recuperar seu poder, Faidra. Mas precisamos de sua ajuda.

**

CAPÍTULO NOVE

Caminhávamos em silêncio entre os escombros de Rea, cada um imerso em seus próprios pensamentos, sob o peso das sombras e da poeira que pairavam sobre o vilarejo morto. O céu estava tingido de um cinza opaco, refletindo o espírito desolado daquele lugar, enquanto o vento cortante assobiava pelas ruínas, carregando consigo o eco de vidas há muito extintas. À frente, Alkmene avançava com passos firmes, o olhar afiado e a expressão resoluta. Aparentava estar tão alheia ao caos ao seu redor que, por um instante, ela mesma parecia ser um elemento dessa paisagem devastada.

Faidra, nossa prisioneira, flutuava no cubo de energia que Equidade mantinha com uma tranquilidade quase casual. A deusa parecia indiferente à nossa causa, e Equidade sustentava o cubo com uma expressão impassível. A viagem até o coração de Rea serviria para encontrarmos um abrigo onde pudéssemos descansar.

Logo atrás de Alkmene, Harvy caminhava com os ombros tensos e um olhar perdido. Havia mais que preocupação em sua expressão, era como se ele travasse uma batalha silenciosa entre o que desejava ser e o peso do nome que carregava. Em um movimento repentino, Alkmene se virou e lhe lançou um olhar frio e cortante.

— Harvy, me pergunto, — começou ela, em um tom desafiador que parecia reverberar nos próprios escombros — como é saber que o pai em quem você confiava é um tremendo monstro? Ou será que você ainda acredita nele?

Ele respondeu com um sorriso cínico, mas era evidente que as palavras dela haviam o atingido.

— Não é como se eu fosse cego, Alkmene — disse, forçando um tom leve que não convencia ninguém — Não me orgulho das ações dele, mas, para alguns de nós, não é uma questão de escolha. Estamos todos presos a isso, e você sabe tanto quanto eu.

Observei a troca de longe, uma sensação amarga crescendo em meu peito. Seria eu também prisioneiro da minha própria raiva? Equidade caminhava ao meu lado, e percebi seu olhar analisando minhas reações com uma precisão quase incômoda.

— Arvel, sua conversa com Faidra foi tocante. Evoluiu bastante desde encontro. — murmurou ela, sua voz oscilando entre desprezo e curiosidade.

Encarei-a, contendo a raiva. Não foi fácil relacionar a dor de Faidra com a minha, pois isso me fez me lembrar de Tyler e isso ainda doía muito. Equidade sempre sabia como atingir meus pontos fracos, e era exatamente isso que tornava sua presença impossível de ignorar.

Encontramos abrigo em uma construção que ainda resistia, o suficiente para nos proteger do vento frio que soprava incessante. Equidade e Faidra ficaram do lado de fora. A divindade queria vigiar Faidra. Alkmene se sentou no chão, o rosto cansado, mas o olhar afiado, como se guardasse mil segredos. Após um instante de silêncio, começou a falar, sua voz suave, mas carregada de angústia.

— Quando Faidra criou os Aeofythos, ela tinha um propósito. Mas ao ver o que nos tornamos, manipulados como armas, me pergunto se ela alguma vez compreendeu o que estava fazendo. — confessou, o tom impregnado de dor. — Somos mais que criações. Somos experimentos... instrumentos de um propósito que ela nunca nos revelou. Perdi muitos amigos que só buscavam por propósito.

Ouvi suas palavras em silêncio, sentindo algo semelhante crescer em meu peito. Senti a necessidade de baixar a guarda.

— Eu também perdi alguém — murmurei, as palavras saindo como lâminas afiadas. — O perdi por uma injustiça. É isso que me trouxe até aqui, e sei que essa raiva está me consumindo, mas talvez seja a única coisa que ainda me mantém em pé.

Harvy, surpreso, lutou para encontrar uma resposta. Após um momento, balançou a cabeça e sussurrou, com uma sinceridade inesperada:

—Arvel... me desculpe. De verdade.

— Tá tudo bem. — talvez nunca conseguisse perdoar Harvy totalmente, mas talvez estivesse disposto a tentar.

Naquela noite sonhei que nos aproximávamos do coração de Rea, senti uma pressão invisível apertar meu peito. E então, ela apareceu. A presença de Faidra era esmagadora, como uma sombra viva que se infiltrava em nossas mentes com uma força opressiva. Cada um foi subitamente tomado por uma visão, um reflexo de nossos maiores medos.

Diante de mim estava Tyler, seu rosto distorcido pela dor e pela decepção. Ele me olhava com olhos que conheciam cada segredo do meu ser, e sua voz, amarga, soou como uma acusação.

— Justiça? Ou você só quer vingança, Arvel? Você ainda se lembra do que é certo?

Minha garganta se fechou, e tentei escapar daquela imagem, mas suas palavras perfuravam minha mente como lâminas, obrigando-me a confrontar minhas próprias dúvidas. Eu o queria de volta, mas... a que custo?

Ao meu lado, Harvy encarava o rosto de Tobias, que o ridicularizava, zombando de qualquer tentativa de se libertar do próprio destino. Harvy tremia, os olhos cheios de raiva e dor, mas Alkmene tocou seu ombro, em um gesto silencioso de apoio e compreensão.

Acordei com uma sensação estranha, uma presença que parecia ondular no ar ao meu redor, como uma brisa suave carregando sussurros antigos. Ao abrir os olhos, encontrei-me no meio do nada. As sombras dançavam nas paredes, e o luar que entrava pela janela quebrada parecia mais intenso, como se tivesse sido invocado para aquela única noite. E então, ali, do lado de fora, Faidra estava parada, envolta em um cubo de energia que parecia pulsar como se tivesse vida própria.

Seu rosto estava sereno, mas seus olhos eram um abismo, carregados de algo além da compreensão humana, poder, sim, mas também uma tristeza profunda, uma dor que parecia ter raízes mais antigas do que o próprio tempo.

— Vejo que finalmente acordou — disse ela, num tom que parecia misturar ironia e paciência.

Levantei-me, ainda sonolento, mas algo em sua presença me mantinha alerta. Não era exatamente medo, mas uma reverência involuntária, como se eu estivesse diante de algo divino, embora sombrio.

— Faidra... — comecei, hesitante, procurando as palavras — Precisamos da sua ajuda. Se não intervir, tudo o que conhecemos será destruído. Aniquilemos está cada vez mais perto, e nós... não temos como enfrentá-lo sozinhos.

Ela me olhou, os olhos escurecendo, como se as palavras fossem uma antiga maldição que ela mesma tivesse lançado. Faidra cruzou os braços, e sua expressão tornou-se dura, quase fria.

— O que faz você pensar que eu, de todas as entidades, me importaria em ajudar a humanidade? — murmurou ela, a voz baixa, como um sussurro de trovão distante — São criaturas de uma ordem frágil, que mal compreendem a existência.

Engoli em seco, lutando contra o impulso de recuar. Sabia que ela estava os observando, julgando suas fraquezas, suas falhas. Mas algo em mim sabia que, para ela, esse julgamento não era apenas uma crítica, era uma lembrança de um passado que ela não queria revisitar.

— Eu não estou pedindo ajuda para mim. — insisti, sentindo o desespero transparecer em minha voz — Não se trata de humanos ou de deuses. Aniquilemos quer destruir tudo, Faidra. Ele vai consumir o que sobrou das realidades, sem deixar rastro de memória, de história. E... eu sei que você entende o que é perder algo importante.

Ela desviou o olhar, e por um momento, pude ver uma centelha de dor em sua expressão, um lampejo que traía a fachada de poder absoluto. Era uma faísca de humanidade que ela tentava esconder.

— Eu perdi muito, Arvel. Mais do que você imagina. Eu conheço o que é o vazio — respondeu, com uma voz que parecia distante, quase etérea — E talvez o caos de Aniquilemos seja a ordem final que este universo merece.

O som de suas palavras foi como um soco. Ela estava disposta a ver tudo desaparecer, talvez como uma forma de escapar da própria dor. Mas eu não podia desistir.

— Você não acredita nisso... não totalmente. Eu posso ver que há algo em você que ainda luta contra essa ideia. — me aproximei, encarando-a diretamente, tentando romper as barreiras que ela erguera — Ajude-nos a deter Aniquilemos, Faidra. Se você não quiser fazer isso por nós, faça por aqueles que você amou. Faça isso... por Galya.

Ao ouvir o nome, a energia ao redor dela oscilou, como se minha menção tivesse tocado em algo profundo e vulnerável. Sua expressão se contorceu, e vi os olhos dela ficarem úmidos, o semblante se fechando em uma mistura de fúria e sofrimento.

— Não fale o nome dela, mortal! — sibilou Faidra, mas sua voz tremia. Ela respirou fundo, tentando recuperar a compostura, mas a dor em seus olhos era evidente — Galya morreu por causa da ignorância humana. Eles a queimaram por ser diferente, por amar a verdade. Vocês nunca entenderá o que é isso, Arvel. Nunca.

Minha garganta se apertou, e senti a necessidade de ser honesto, de expor a minha dor. Talvez fosse a única maneira de alcançá-la.

— Faidra, sei que não posso entender sua dor completamente, mas eu conheço o vazio, o mesmo que te assombra. Mas o que você está disposta a sacrificar para impedir que essa dor se repita?

Ela desviou o olhar novamente, e percebi que minhas palavras tinham quebrado algo nela, um muro invisível que ela erguera por tanto tempo que talvez nem lembrasse como derrubar.

— Tentei reviver ela sabia? — revelou a deusa e aquilo me deixou surpreso — Tentei. Mas não havia corpo, só cinzas. Mesmo assim eu tentei. Eu falhei com ela e nunca poderei consertar o meu erro.

Faidra finalmente me encarou, o rosto um misto de determinação e uma raiva reprimida.

— Se eu aceitar ajudar você... se eu concordar em enfrentar Aniquilemos, não será por vocês, humanos. Não será por Equidade ou qualquer outra entidade. Eu farei isso... porque o vazio não é o fim que desejo. Porque Galya... porque aqueles que amamos merecem ser lembrados, mesmo que o mundo esteja à beira do esquecimento.

Eu assenti, sentindo um alívio que quase me fez desmoronar. Mas sabia que era apenas o começo. Faidra não era uma aliada fácil, e sua ajuda viria com um preço.

— Muito bem, Arvel. Eu ajudarei — disse ela, finalmente — Mas que fique claro: não sou sua salvadora. A luta contra Aniquilemos será mais sombria do que qualquer coisa que você já enfrentou.

E, com um gesto, Equidade apareceu e a libertou. A calma incômoda de Rea não durou muito. O ar pesado, carregado de poeira e histórias antigas, foi interrompido por um som grave, como um rugido distante, vindo de uma clareira mais à frente. Trocamos olhares tensos. Cada um de nós estava exausto, mas a sensação de perigo nos revigorava como um toque frio na espinha.

Faidra foi a primeira a murmurar, sua voz quase inaudível:

— Estão aqui.

— Como? — perguntei.

Alkmene e Harvy apareceram, acordados pelos estrondos.

— Rastreamos a garota! — Faidra respondeu.

Alkmene nos olhou com medo e parecia estar se odiando por não ter se prevenido disso.

A primeira onda de soldados surgiu entre as ruínas. Cerca de vinte capangas de Tobias, poderosos e movendo-se com precisão, seus passos ressoando pelo chão de pedra como um tambor de guerra. Eu me coloquei na frente, enquanto Equidade e Faidra permanecia ao fundo, com a expressão de uma tranquilidade impassível, mas os olhos focados em cada detalhe do campo de batalha.

Alkmene foi a primeira a avançar, sua energia cósmica explodindo ao redor dela como uma aura vibrante. Com um gesto fluido, ela ergueu uma mão, e uma onda de força invisível varreu os soldados, lançando-os para trás em um movimento avassalador. Aqueles que caíram se levantaram de imediato, como se estivessem prontos para morrer em prol do objetivo.

Harvy se colocou ao meu lado, respirando rápido, mas com uma determinação que eu não via com frequência. Ele lançou um olhar para mim, e sem precisar de palavras, entendi o que precisávamos fazer. Concentrei a eletricidade em minhas mãos, sentindo o calor roxo e pulsante subir pelos meus dedos, e disparei contra a linha de frente, atingindo um grupo que vinha pela esquerda.

— Se esconde! — gritei a Harvy, que apenas assentiu com a cabeça.

Mas ele sabia, e eu sabia. Aquilo não seria fácil.

Os soldados continuaram avançando. Alkmene girava entre eles, atacando com uma precisão quase brutal. Equidade observava, mas se manteve à distância, pronta para intervir se a situação saísse de controle. Eu sentia sua presença como uma garantia distante, mas não confiava plenamente que ela ajudaria.

O ataque foi feroz. Um dos soldados investiu contra Faidra, e antes que ela pudesse reagir, puxei-a para o lado, desviando-o de um golpe que teria sido crítico. Ela murmurou um agradecimento rápido, mas seus olhos estavam fixos na frente, sabendo que não teríamos chance se ela não lutasse também.

Os soldados se reorganizaram, e desta vez um grupo avançou diretamente contra Harvy. Eu tentei segurar a linha, disparando raios e afastando-os, mas senti a maré virar quando, subitamente, um deles agarrou Harvy por trás, prendendo seus braços.

— Arvel! — ele gritou, tentando se soltar. Mas, antes que eu pudesse alcançá-lo, um grupo se posicionou entre nós, bloqueando o caminho.

— Harvy! — gritei, avançando com tudo o que tinha, mas cada ataque parecia inútil. Os soldados agiam como um escudo impenetrável, afastando-me a cada passo.

Faidra, percebendo o que estava acontecendo, lançou uma onda de energia que derrubou alguns dos soldados, abrindo um caminho estreito para mim. Mas naquele segundo, outro grupo veio da lateral e a cercou, obrigando-a a se concentrar em defendê-los. Equidade, ao fundo, parecia analisar a situação, mas ainda hesitava em intervir. Seus olhos eram indecifráveis, como se estivesse ponderando se deveria permitir aquilo.

Desesperado, lancei uma última descarga elétrica contra o soldado que segurava Harvy, mas ele já estava sendo levado para trás, arrastado em meio ao caos.

— Harvy! — minha voz ecoou, mas foi abafada pelo tumulto dos gritos e pelo barulho metálico da luta ao nosso redor.

— Arvel... — ele começou, ergueu uma das mãos e alguns guardas foram lançados para longe e Harvy conseguiu escapar por um breve momento. Ele voava e vinha até mim, mas foi interrompido quando o soldado apareceu e desferiu um golpe, apagando sua expressão em um segundo.

Não entendia o que estava acontecendo. Apenas vi Harvy ser levado, sumindo entre as sombras, os soldados o escoltando enquanto nos deixavam para trás.

Eu caí de joelhos, o choque ainda pulsando em minhas mãos, sem acreditar no que havia acontecido. Equidade se aproximou, o olhar impassível, como se aquilo fosse um detalhe no grande esquema do universo.

— Ele sabia dos riscos — disse ela, num tom distante.

Alkmene veio até mim, colocando a mão em meu ombro, e senti uma compreensão silenciosa em seu gesto. Um vazio que parecia tomar conta de tudo ao nosso redor.

Mas, por ora, tudo o que restava era a promessa de trazer Harvy de volta, e dessa vez, eu sabia que não hesitaria em enfrentar Tobias e qualquer outro que se interpusesse no caminho.

— Ei! — Faidra pareceu e um soldado foi jogado sobre meus pés — Consegue fazer ele falar?

**

CAPÍTULO DEZ

Não demorou muito até que ele revelasse seu nome. Beore, filho de Adonis, estava amarrado a uma cadeira de metal enferrujada em uma das salas escuras da igreja abandonada. Seus olhos de um roxo cortante me encaravam, um misto de desdém e uma curiosidade velada, como se ele carregasse um segredo ao qual eu ainda não tinha acesso. O silêncio pairava pesado entre nós, preenchendo o ambiente com uma tensão quase insuportável. Beore não parecia intimidado, e aquela frieza em seu rosto apenas intensificava minha impaciência.

Após nossa retirada de Rea, Alkmene e Faidra conjuraram uma proteção ao redor da igreja. O ar ao redor estava denso com a energia mística que impregnava as paredes, transformando aquele lugar em um refúgio sagrado, isolado da influência de Tobias e seus capangas. Sabíamos que Beore detinha informações valiosas. Mas ele parecia determinado a nos fazer lutar por cada resposta.

— Vamos lá, Beore. — eu forcei a calma na voz — Para onde levaram Harvy? E onde Tobias mantém Adonis?

Ele riu, um som seco, cheio de desdém.

— Você acha que eu simplesmente vou te entregar isso? Harvy... Adonis... nada disso realmente importa para você. Eles são só peças em um jogo muito maior, e você nem ao menos sabe jogar.

A frieza dele era um tapa na cara, e eu sentia meu controle vacilar. Foi então que Alkmene deu um passo à frente, sua expressão severa, carregada de um misto de desprezo e desafio.

— Se você não nos disser, eu juro que não restará nada de seu orgulho quando terminarmos. — disse ela, sua voz como uma lâmina afiada. Mas Beore apenas continuou sorrindo, como se soubesse algo que nos escapava.

Com uma frieza calculada, Faidra sugeriu o impensável:

— Equidade, leia a mente dele.

A reação de Equidade foi imediata. Ela hesitou, sua expressão ligeiramente tensa, como se a simples menção desse ato ferisse algum princípio profundamente enraizado. Seus olhos, quando se voltaram para mim, eram de pura relutância.

— Ler mentes é uma invasão direta — murmurou ela — Um ato de controle absoluto que perturba o equilíbrio cósmico. Eu só faço isso em extrema necessidade.

Mas eu sabia que, naquele momento, não tínhamos outra opção. Não enquanto Harvy e meu pai estavam sob o poder de Tobias.

— Equidade — insisti, minha voz firme — Essa é uma situação extrema. Ele sabe onde Harvy está. E meu pai... Se ele está nas mãos de Tobias, o equilíbrio importa mais do que as vidas deles?

Ela me olhou por um longo instante, os olhos cintilando com uma compreensão relutante, mas inevitável. Finalmente, aproximou-se de Beore, estendendo a mão até que os dedos tocaram a lateral da cabeça dele. Beore tentou se desvencilhar, mas era inútil; o toque dela o prendia com uma força invisível. Em segundos, os olhos de Equidade ficaram opacos, mergulhados em uma visão oculta enquanto Beore gritava, seu corpo convulsionando sob a pressão da mente invadida.

Quando ela o soltou, ele caiu para frente, exausto, respirando com dificuldade. Equidade recuou, sua expressão vazia, mas seu olhar era como uma tempestade contida.

— Harvy está na Gaiola — ela disse, a voz serena, mas grave — Um galpão fortificado onde Tobias mantém prisioneiros que considera valiosos, inclusive Adonis.

Alkmene praguejou e virou-se para mim, sua expressão entre a determinação e o desespero.

— A Gaiola é praticamente impenetrável, Arvel. Tobias mantém lá alguns dos seus capangas mais fortes. Se Harvy e Adonis estão presos, não temos chance de libertá-los sem uma preparação cuidadosa.

Eu respirei fundo, ciente da minha limitação. Admitir que precisava de mais poder era uma derrota, mas as palavras soavam inevitáveis.

— Eu preciso de mais poder. — A confissão escapou como um peso caindo sobre mim. Eu mal havia lutado contra Faidra e agora enfrentaria forças ainda maiores. Virei-me para Equidade, buscando algo em seu olhar que pudesse ser uma resposta.

Ela me avaliou por um instante, seu olhar cheio de uma sabedoria antiga que parecia sopesar todas as possibilidades.

— Eu não posso te dar mais poder, Arvel. Sua energia é sua, herdada de Adonis e de sua linhagem. Somente ele poderia ajudar você a desbloquear todo o seu potencial.

A frustração ferveu dentro de mim, uma chama crescente que queimava sob a superfície. Tudo parecia impossível, uma parede intransponível que me forçava a enfrentar a realidade de minhas limitações. Então, Faidra se aproximou, sua presença envolta em uma sombra misteriosa.

— Sua energia é forte, Arvel, mas é como um rio turbulento. Adonis sabia controlar o fluxo do poder. E, embora você não possa acessar esse conhecimento diretamente, pode aprender a controlar suas emoções.

— Como? — perguntei, minha voz rouca, exalando o peso de minha vulnerabilidade.

Ela assentiu, o olhar firme.

— Meditação. Não é uma solução definitiva, mas estabilizará sua energia, concentrando seu poder. Se estiver disposto, eu posso guiar você.

Assenti, sentindo a tensão diminuir um pouco. Seguimos juntos até uma área menos destruída da igreja, onde Faidra me pediu para sentar e fechar os olhos, enquanto se posicionava ao meu lado. O peso ancestral da igreja, com suas paredes sussurrantes e o ar denso de misticismo, parecia ecoar em minha respiração, lembrando-me do motivo pelo qual estávamos ali.

— Feche os olhos e respire fundo — murmurou ela, a voz baixa, quase hipnótica — Sinta o fluxo da sua energia, essa eletricidade que pulsa em você, mas não se apegue a ela. Deixe-a fluir, como água. Não tente controlá-la, apenas sinta.

Segui suas instruções, permitindo que uma serenidade profunda, quase desconhecida, tomasse conta de mim. À medida que mergulhava nesse silêncio, imagens começaram a surgir, como sombras que se desenrolavam aos poucos. Fragmentos de memórias perdidas emergiram, relances de um passado que parecia antigo e, ao mesmo tempo, meu. No fundo da minha consciência, vi a silhueta de um homem e uma mulher, figuras esbatidas, mas dotadas de uma presença que eu reconhecia sem precisar entender.

A visão se agudizou, desfazendo a névoa, e o homem apareceu nítido — uma figura alta e imponente, com um olhar intenso que, mesmo duro, trazia uma ternura soterrada. Ao seu lado, uma mulher de expressão forte e serena, com olhos que pareciam conter o peso de tudo o que existia. Estavam juntos, de pé em meio a uma floresta antiga, sob o brilho etéreo de uma lua cheia que revestia a noite com uma luz prateada. A brisa carregava um sussurro; as folhas e o silêncio conspiravam para formar um nome.

— Argyrus.

O som ressoou em minha mente como um trovão suave. Era o meu verdadeiro nome. Não Arvel, mas Argyrus. Um nome que continha segredos, laços, raízes profundas. Senti algo se romper dentro de mim, uma barreira que eu nunca soubera existir. Quantas outras partes de mim estariam presas, esquecidas nas sombras? O que mais estaria esperando para ser desvelado?

A visão mudou, e agora eu estava em Rea, o vilarejo vibrante e cheio de vida, diferente da ruína que encontrei. Mas logo uma sombra tomou conta do lugar. Vi Faidra no centro, sozinha, cercada por uma multidão hostil. Ela havia perdido algo precioso, alguém que a completava. Galya. A dor que vi em seu rosto era uma ferida que nunca cicatrizara, e em um rompante de desespero e ódio, ela liberou uma onda de energia que consumiu o vilarejo, reduzindo seus habitantes a cinzas. Senti a fúria dela reverberar em mim, um eco daquela mesma dor que eu também carregava.

Minha respiração acelerou, mas eu me obriguei a permanecer centrado, canalizando a energia sem me deixar ser dominado. Aos poucos, aprendi a contê-la, a estabilizá-la. A meditação trouxe uma calma profunda, uma clareza que parecia me despir das camadas de incertezas.

Quando abri os olhos, o peso da realidade voltou a me envolver, mas eu me sentia diferente, mais centrado, como se tivesse reencontrado um pedaço de mim. Faidra observava, seus olhos refletindo uma rara aprovação, enquanto Equidade, ao seu lado, me fitava como se estivesse confirmando algo que até então não tinha certeza.

— Argyrus. — Faidra pronunciou o nome com uma intensidade quase reverente, como se ele contivesse uma força própria — Agora, você está um passo mais próximo de se tornar quem deve ser.

CAPÍTULO ONZE

O escritório de meu pai era um monumento ao poder. Cada parede, cada prateleira de mogno polido e cada troféu reluzente exalavam autoridade, como se o próprio ambiente absorvesse sua presença, reforçando a imagem implacável que ele tanto se esforçava para projetar. Eu era apenas uma criança, mal alcançava a altura da mesa imponente onde ele estava sentado, observando-me com olhos afiados. Sempre me senti pequeno ali, mas, naquela tarde, algo em sua postura me fazia encolher ainda mais.

Ele me examinava como quem estuda uma peça de um quebra-cabeça, e, ao final de seu escrutínio, uma expressão de desgosto formou-se em seu rosto.

— Harvy, você precisa aprender a ser firme. — Sua voz era fria, cortante, e ressoava no escritório, reverberando como um eco de uma autoridade inquestionável — Se quiser ser alguém, deve dominar seus impulsos infantis. Eu espero mais de você. Sempre esperarei mais.

Eu não sabia o que responder. Engoli em seco, sentindo o peso de suas palavras como uma pedra esmagando meu peito. Olhei para o chão, imaginando se, em algum momento, ele deixaria de me ver apenas como um reflexo imperfeito de si mesmo. Mas Tobias nunca parava de cobrar. Ele era como uma marreta, moldando-me, sempre empurrando suas expectativas com uma força esmagadora.

— Nada menos que perfeição é aceitável, Harvy — continuou ele, em um tom que mais parecia uma sentença — Você precisa aprender a liderar, a impor sua vontade e, principalmente, a nunca demonstrar fraqueza.

As palavras se enredavam em minha mente, penetrando cada pensamento meu como veneno. Eu queria agradá-lo, mas ao mesmo tempo havia algo sombrio naquelas instruções, algo que me assustava. Uma parte de mim sabia que, para ser “perfeito” aos olhos dele, precisaria sacrificar pedaços de mim, partes que ele nunca aceitaria. Mas me calei, assentindo em silêncio, como se aquelas palavras fossem meu único caminho.

Assim que consegui escapar de seu escritório, corri para o jardim. Lá, entre as sombras das árvores e os arbustos cuidadosamente podados, me sentia seguro, longe do peso opressivo do olhar de Tobias. Sentei-me entre as plantas, escondendo o rosto entre os joelhos, e, pela primeira vez em muito tempo, senti o calor de lágrimas quentes escorrendo.

Eu não sabia que minha mãe havia me seguido. Só percebi sua presença quando uma mão suave pousou em meu ombro. Olhei para cima e vi seus olhos preocupados, mas ternos, como se ela compreendesse o que eu estava sentindo sem precisar de explicações.

— Está tudo bem, Harvy — murmurou ela, puxando-me para um abraço que acalmava meu coração acelerado — Você não precisa ser como ele. A força verdadeira não é a que ele prega, meu filho. Existem outros tipos de coragem, de firmeza, e uma delas é saber quem você é, sem perder isso.

Eu me aconcheguei em seus braços, absorvendo cada palavra. Era como se minha mãe fosse a única luz em meio à escuridão imposta por Tobias. Ela sempre fora uma espécie de escudo, alguém que eu sabia que podia buscar quando o mundo, ou meu pai, parecia querer esmagar qualquer traço de quem eu realmente era.

— O mundo do seu pai é cruel, meu querido. — disse ela, com um tom triste, mas sereno — Mas você não precisa viver conforme as regras dele. Aprenda a ser paciente, a ser astuto... e um dia você verá que a verdadeira força está em saber ser você mesmo.

Aquelas palavras se gravaram em mim. Naquele momento, talvez eu não compreendesse seu real significado, mas elas permaneciam como uma promessa silenciosa, algo em que eu me apoiaria sempre que a pressão se tornasse insuportável.

Um dia, durante um passeio em família onde minha mãe me levou em um dos seus lugares favoritos da cidade, o museu, estávamos atravessando uma rua, e minha mãe estava à minha frente, sorrindo, quando ouvi o som de um motor descontrolado. Tudo se desenrolou em um piscar de olhos. Um carro desgovernado vinha em nossa direção, e eu, tomado por um pânico indescritível, senti algo borbulhar dentro de mim, como uma explosão prestes a escapar.

Em um impulso que eu mal compreendi, estendi a mão, e uma luz azul pulsante surgiu ao meu redor, formando uma barreira translúcida entre minha mãe e o carro. Ela parou, olhando para mim com uma expressão de puro espanto, enquanto o carro se chocava contra a barreira e, com um impacto surreal, desviava para o lado.

O brilho ao redor de nós desapareceu, e fiquei ali, sem entender o que tinha acabado de acontecer. Olhei para minha mãe, que se aproximou, os olhos arregalados, mas logo recobrando a calma. Ela me puxou para um canto, ainda trêmula, e se abaixou para que ficássemos da mesma altura.

— Harvy... — começou ela, a voz suave, mas com um traço de urgência — O que você fez foi... um poder especial. Algo que poucos têm, mas que te torna único.

Eu a olhava, tentando processar suas palavras. Ela não parecia me acusar de algo errado; em vez disso, havia uma preocupação profunda em seus olhos, como se aquilo significasse muito mais do que eu podia entender.

— Mas... Tobias... — ela hesitou, seu olhar se escurecendo — Seu pai... ele jamais deve saber disso, entendeu? Ele usaria isso de maneiras que você não pode sequer imaginar. Por favor, Harvy, prometa-me que nunca deixará Tobias saber sobre essa habilidade.

Eu concordei, mesmo sem entender a gravidade do que ela dizia. Prometi a mim mesmo que jamais revelaria aquilo a ninguém, que nunca deixaria Tobias sequer suspeitar do que eu podia fazer.

Nos dias que seguiram ao incidente, aquele poder dentro de mim parecia uma fera domada, mas sempre prestes a se libertar. Aos poucos, entendi que ele surgia nos momentos em que minhas emoções eram mais intensas — o medo, a raiva... e isso significava que Tobias era a última pessoa diante da qual eu poderia perdê-las.

Cada vez que ele me pressionava, cada vez que seus olhos frios e críticos se voltavam para mim, sentia a energia dentro de mim reagir, como se quisesse lutar contra aquela autoridade esmagadora. Mas me lembrava da promessa, do olhar suplicante da minha mãe, e então, recuava. Cada palavra cruel, cada crítica cortante, eu suportava tudo, reprimindo cada parte de quem eu realmente era.

Tobias não entendia. Ele via aquela reserva como um sinal de fraqueza, como falta de ambição. E isso só fazia aumentar sua severidade, seu desprezo por mim. Mas, por mais que eu quisesse revidar, sabia que não poderia, e essa dor acumulava-se, como uma maré prestes a explodir.

Agora, já adulto, as memórias da infância ainda me assombram. O medo de ser descoberto, a tensão constante de esconder uma parte tão essencial de mim... Tudo isso me marcou de maneiras que só agora começo a perceber. O peso da exigência de Tobias ainda pressiona meus ombros, mas percebo que o segredo da minha mãe me deu algo valioso — a possibilidade de escolha, a liberdade de ser quem eu sou, mesmo que em segredo.

Por tantos anos, mantive essa promessa. Mas agora, diante de tudo o que enfrento, começo a questionar se chegou o momento de me libertar dessa sombra que Tobias lançou sobre mim. Talvez seja hora de aceitar meu poder, de confrontar Tobias e tudo o que ele representa.

Abandonar esse segredo é como quebrar um pacto com a versão mais jovem de mim mesmo, mas, pela primeira vez, sinto que essa pode ser a única maneira de me libertar do domínio de Tobias e, finalmente, me tornar alguém que ele nunca poderá controlar.

*

A escuridão do galpão se fechava ao meu redor como uma prisão, densa e fria. Sentia o aperto das mãos dos capangas do meu pai em meus braços, empurrando-me sem o mínimo de delicadeza pelos corredores estreitos. O silêncio era interrompido apenas pelos passos pesados deles e pelo eco de nossos movimentos nos corredores vazios. Quando finalmente me empurraram para dentro de uma sala ampla e austera, quase desprovida de luz, meus olhos encontraram a única fonte de claridade: uma lâmpada pendurada no teto, iluminando o centro do espaço onde Tobias, meu pai, me esperava.

Ele estava parado ali, os braços cruzados, o olhar frio e impenetrável. Não havia nada de acolhedor naquela presença, apenas uma rigidez que parecia engolir toda a sala. Eu tropecei ao ser empurrado para frente, mas mantive o olhar fixo nele, recusando-me a desviar ou mostrar qualquer sinal de fraqueza. Um silêncio pesado se instalou, e Tobias, com o rosto inexpressivo, apenas me observava, até que finalmente quebrou a quietude com sua voz cortante.

— Você me decepcionou, Harvy. — ele falou devagar, cada palavra tingida de um desprezo tão gelado que me causava arrepios — Eu fiz tudo por nossa família, tudo para proteger o nosso legado. E você escolhe se voltar contra mim?

Aquelas palavras bateram no meu peito como uma marreta, mas me recusei a desviar o olhar.

— O que você chama de legado é uma obsessão, Tobias. Está cego se acha que Aniquilemos é confiável. Ele não dá a mínima para você, para sua existência. Você é apenas uma ferramenta para ele, um humano ridículo e arrogante.

Tobias não reagiu imediatamente, seu rosto permanecendo impassível. Mas, por um breve momento, seus olhos brilharam com uma intensidade perigosa, um brilho frio e ameaçador.

— Humano? — Ele soltou uma risada seca, mas o som saiu mais como um rosnado baixo. — Você ainda não entende, Harvy. Eu sou algo muito melhor do que um humano. Eu sou especial. Assim como você poderia ser, mas você nasceu fraco, sem a determinação para enxergar além do óbvio. — ele deu um passo em minha direção, e

senti o chão quase tremer sob o peso de seu olhar. — Eu lhe dei um propósito maior, uma causa para servir. Você deveria ser grato.

Essas palavras me atingiram como um soco no estômago. Eu sempre soube que Tobias me via mais como um meio para um fim do que como um filho, mas ouvir aquilo diretamente, tão brutalmente, era como arrancar uma parte de mim que ainda queria acreditar que talvez houvesse algo mais entre nós. Mas mesmo diante disso, não me permiti fraquejar. Ergui o queixo, minha voz carregada de uma fúria contida.

— Propósito? Você destruiu tudo ao nosso redor em busca desse ‘propósito’. E agora, acha que está acima da humanidade?

— Porque eu estou. — ele se aproximou, seu rosto a poucos centímetros do meu, o cheiro de uma energia estranha emanando dele — Se não fosse por mim, você nunca teria entendido a grandiosidade de sua existência. O mundo é fraco, Harvy, e eu estou aqui para guiá-lo à força. E você tem um papel fundamental, queira ou não.

Eu não conseguia mais suportar o peso das palavras dele. Não era só o ódio, era um desespero crescente, uma sensação de que a verdade que Tobias escondia era algo muito mais terrível do que eu imaginava. Mas antes que pudesse responder, ele acenou para os capangas, que imediatamente me agarraram pelos braços e começaram a me arrastar para fora da sala.

Meu coração batia com força, a mente fervilhando de perguntas sem resposta e um medo latente. Eu não entendia completamente o que ele planejava, mas a aura de poder destrutivo que o cercava era algo que não podia ser ignorado. Quando chegamos ao que Tobias chamou de santuário, fui empurrado para uma sala ampla e escura. Tochas tremulavam nas paredes, projetando sombras que pareciam dançar em um ritmo ameaçador.

No centro do santuário, meus olhos se fixaram em uma figura que pendia de correntes enferrujadas. Era um homem, machucado e esgotado, seu corpo coberto de hematomas e feridas. Meu coração parou por um segundo quando percebi quem era: Adonis, o Deus da Matéria Escura. O próprio pai de Arvel estava ali, reduzido a uma sombra de si mesmo, um ser divino aprisionado e humilhado como um mortal.

Tobias se aproximou de Adonis, movendo-se com uma calma quase perturbadora, como se a dor e o sofrimento do deus fossem algo trivial. Ele fez um sinal, e os capangas me amarraram a uma das mesas de pedra ao lado. Tentei me soltar, mas as amarras eram firmes, e logo percebi que lutar seria inútil.

— Você está prestes a testemunhar a verdadeira razão de toda a sua existência, Harvy. — a voz de Tobias era um sussurro afiado, enquanto ele se posicionava diante de Adonis — Esta noite, você verá o mundo como eu vejo. Verá o poder absoluto que Aniquilemos me investiu.

Eu observava, horrorizado, enquanto Tobias estendia as mãos, e uma aura azul escura e intensa começava a emanar de seu corpo. A porra do meu pai era um Aeofytha todo esse tempo. Agora tudo fazia sentido. Era como se sua pele vibrasse com a energia, seus olhos adquirindo um brilho sobrenatural, quase hipnotizante.

Em um movimento teatral, Tobias lançou um feixe de energia direto em Adonis, que gritou em agonia, enquanto a energia se transferia como uma corrente das mãos de Tobias para o corpo enfraquecido do deus.

O ar ao redor ficou denso, quase impossível de respirar. Uma fenda vermelha começou a se abrir no céu acima de nós, crescendo e pulsando como um ferimento no próprio tecido da realidade. Era como se a estrutura do universo estivesse se rompendo diante dos meus olhos, revelando um vazio escuro e ameaçador do outro lado.

— Tudo sempre foi sobre você, Harvy. — Tobias disse, a voz carregada de uma satisfação sombria — Você é o catalisador. Meu sangue e sua fraqueza abriram a porta, mas será minha vontade que trará Aniquilemos a esta terra.

Eu sentia o medo me invadir, um medo visceral, profundo, que se entrelaçava com o desespero. Aquilo não era apenas uma fenda no céu; era uma abertura para algo muito pior, uma entidade que não deveria existir em nosso mundo. Eu lutei contra as amarras, tentando me libertar, mas era inútil. Observei Tobias se virar para a fenda com um sorriso triunfante, como se estivesse prestes a testemunhar a chegada de uma divindade.

— Você não entende o que está trazendo para o nosso mundo! — gritei, a voz saindo quase inaudível — Aniquilemos não vê valor em você, Tobias. Você é só mais uma peça para ele, alguém que será descartado no instante em que não servir mais.

Ele ignorou minhas palavras, os olhos fixos na fenda aberta, o sorriso satisfeito.

— Quando Aniquilemos chegar, seremos mais que homens, mais que deuses. Seremos o novo destino de toda a criação. — ele ergueu os braços, e o céu parecia responder, a fenda tremendo, emitindo uma luz vermelha e pulsante que cobria o santuário em um brilho ameaçador.

Fechei os olhos, sentindo o desespero crescer dentro de mim, a sensação de impotência tomando conta de cada pensamento.

**

CAPÍTULO DOZE

A visão de Rea, em ruínas e imersa no silêncio, estava gravada em minha mente como uma cicatriz, e agora, ao encarar Faidra, essa memória se entrelaçava com o poder destrutivo que ela havia liberado ali. Rea era cinzas por causa dela, uma vila inteira transformada em pó e vazio. E agora, ver Faidra entre nós, como uma aliada, deixava um gosto amargo.

— *Você* destruiu Rea! — Minha voz saiu carregada de raiva e desprezo. — Vidas inteiras, Faidra... por vingança! Como você é diferente de Tobias? Ela me lançou um olhar frio, distante, sem hesitar.

Encarar Faidra depois de saber o que ela fez, era como encarar o próprio espelho de que eu poderia ter me tornado caso eu escolhesse seguir com a vingança contra Harvy. Mas sabia que o que estava fazendo ali não era mais sobre vingança, era o certo. Já Faidra usou todo seu poder para espalhar morte e destruição.

— Eu fiz o que era necessário. Os humanos não mereciam o que eu dei a eles. Traíram-me, e farão o mesmo com você, se tiverem a chance.

Antes que eu pudesse retrucar, Equidade se colocou entre nós, seu semblante calmo, mas com uma firmeza que cortava o ar.

— Esta discussão não nos levará a lugar algum agora — disse, com uma tranquilidade irritante — Aniquilemos ainda é nossa ameaça. Quando lidarmos com ele, então resolveremos o resto.

Antes que pudesse protestar, senti o chão tremer sob meus pés, e o mundo ao redor pareceu desmoronar por um instante. Até mesmo Equidade vacilou, e um brilho de alarme cruzou seus olhos.

— O desequilíbrio está aumentando... e está ficando mortal.

Faidra já havia saído para fora da igreja. A segui, com a tensão crescendo em cada músculo. Ao olharmos para o céu, vimos uma fenda vermelha pulsando como uma ferida aberta, espalhando uma luz ameaçadora. Criaturas feitas de puro vazio emergiam do cemitério próximo, sombras disformes e aterradoras. Cada passo delas parecia drenar o ar ao redor, tornando difícil até respirar.

Uma delas avançou, mas Faidra lançou uma rajada de poder e o destruiu.

— Eu cuido delas. — Faidra estava imóvel, mas sua determinação irradiava como uma chama — Vocês dois precisam enfrentar Tobias. Não temos tempo a perder. Alcanço vocês quando acabar aqui.

Observei aquelas criaturas aterradoras, pesadelos encarnados que ela enfrentaria. Não havia outra escolha. Encarei Alkmene, e, em silêncio, ela assentiu, a determinação em seus olhos espelhando a minha. Com passos cautelosos, seguimos em direção à Gaiola, a tensão pulsando como um tambor no silêncio opressivo. Seguia Alkmene pelos céus e via seu manto se agitar no ar. A estrutura se ergueu à nossa frente, ameaçadora e fortificada, cercada por mercenários a serviço de Tobias, cada um deles armado e alerta, prontos para nos barrar.

Troquei um último olhar com Alkmene antes de nos lançarmos ao combate. Pousamos e com um movimento firme, disparei raios púrpura de minhas mãos, a energia rasgando o ar como relâmpagos em uma tempestade. Sentia meu poder mais denso, mais poderoso. O campo de batalha se transformou em um caos de luz e som, faíscas e gritos preenchendo cada canto. Alkmene estava ao meu lado, sua presença feroz e ágil. Com precisão mortal, ela derrubava um oponente após o outro, suas mãos cintilando enquanto os inimigos tombavam em sua passagem.

Avançamos, cada passo um esforço contra a resistência crescente. Um grupo de homens se aproximou, formando um círculo ao nosso redor. Eles atacaram de todos os lados, socos e chutes movendo-se como sombras ao nosso redor. Alkmene, ágil como uma pantera, saltou sobre um dos soldados, desviando de um golpe e enterrando lançando um feixe de poder em outro. Eu girei, erguendo a mão e uma onda sísmica lançou três soldados para trás, derrubando-os como folhas ao vento. Olhei para a mão que fez aquilo, surpreso com o novo poder.

Um capitão, armado com um martelo de cabo longo, veio em minha direção. Ele atacou com força brutal, e o impacto quase me fez perder o equilíbrio. Rolei para o lado, desviando de um segundo golpe que rachou o chão ao meu lado. Reuni minha energia e lancei um feixe direto contra ele. O capitão cambaleou, mas logo avançou novamente, os olhos ardendo de ódio. Com um grito, eu intensifiquei minha magia, e o raio púrpura o envolveu, finalmente derrubando-o.

À medida que avançávamos para o coração da base, o número de inimigos parecia multiplicar-se. A batalha tornava-se uma dança mortal. Alkmene, incansável, continuava a derrubar os capangas de Tobias, seu semblante feroz e inabalável. Minha respiração estava pesada, cada nova onda de energia que eu lançava consumia um pouco mais de minha força, mas a determinação em parar Aniquilemos era maior.

Finalmente, conseguimos romper a linha defensiva e adentramos a estrutura. Alkmene ordenou que eu seguisse sem ela, já que lá fora, mais homens apareciam. Hesitei, mas segui.

Lá dentro, a escuridão era opressiva, densa como óleo, sufocante. O local era um labirinto traiçoeiro, com corredores que pareciam se fechar ao meu redor. Enquanto corria, ouvi passos suaves e uma risada baixa e irônica. Ao virar um corredor, dei de cara com ela, a garota ruiva. Seus olhos brilhavam com uma mistura de crueldade e diversão.

— Ah, o filho de Adonis finalmente decidiu aparecer. — sua voz era um veneno suave, carregado de desprezo — Vocês, filhos de Adonis, nunca foram dignos do poder que possuem.

Ela ergueu as mãos, e uma energia azul começou a envolver seus dedos. Antes que pudesse reagir, ela lançou uma rajada em minha direção. Desviei por pouco, sentindo o calor da magia queimar o ar ao meu lado. Com um movimento rápido, lancei uma onda de energia púrpura em resposta, mas ela desviou com facilidade, desaparecendo momentaneamente antes de surgir novamente ao meu lado, acertando-me com um golpe que me lançou contra a parede.

Lutamos intensamente, uma batalha feroz e frenética. Nossos poderes colidiam, enchendo o corredor com faíscas e uma aura vibrante de energia. Cada ataque dela era preciso, suas mãos movendo-se como garras afiadas. Eu bloqueava como podia, retaliando com feixes e explosões de energia que preenchiam o espaço estreito. O chão tremia, e o som de nossa batalha ecoava pelas paredes como trovões.

Ela lançou uma série de golpes, cada um mais rápido e mais forte, até que finalmente, em um momento de abertura, consegui atingi-la com um raio direto no peito. Ela cambaleou, o rosto contorcido em fúria e dor, mas logo se recompôs, ainda com o sorriso frio nos lábios.

— Onde está Harvy? — exige, a voz rouca e impaciente, minhas mãos ainda cintilando com a energia restante.

Ela riu fracamente, os olhos cheios de desprezo, embora sua expressão traísse um leve cansaço.

— Tobias tem planos para ele...

Deixei-a para trás e continuei pelos corredores até que finalmente encontrei Harvy. Ele estava amarrado, e Tobias, de pé ao seu lado, falava com ele num tom quase paternal.

— Nossa linhagem sempre foi especial, Harvy. Estamos destinados ao poder.

— Tobias! — gritei, interrompendo a cena. Ele se virou, surpreso apenas por um segundo, antes de soltar uma risada sarcástica.

— Arvel.

— Sabe quem eu sou?

— Claro. — ele se afastou de Harvy e começou a se aproximar com uma cortesia suspeita — Eu te conheci naquela fatídica noite, não se lembra? Te visitei no hospital — ele dizia e meus punhos cerravam — Sabia que era especial. Só assim para ter sobrevivido àquele acidente. Mas eu te perdi de vista depois do reformatório.

— E eu tava bem atrás de você todo esse tempo.

Avancei, o punho atingindo-o com força, e Tobias cambaleou, caindo no chão. Corri até Harvy, mas antes que pudesse libertá-lo, fui atingido por uma energia azul que me jogou para trás. Tobias se levantou, com o olhar cheio de desprezo e uma satisfação insana.

— Eu sou o último Aeofytha da minha linhagem — declarou, a voz adquirindo um brilho insano — Aniquilemos me prometeu toda a Existência... se eu lhe entregar algo precioso: meu próprio filho.

Olhei ao redor, e foi quando vi Adonis, meu pai, amordaçado e com seu poder sendo drenado. Uma onda de desespero tomou conta de mim, mas não tive tempo de reagir. Tobias me incapacitou com um golpe e pegou uma faca, aproximando-se de Harvy com uma intenção mortal.

Alkmene surgiu como um raio, rápida e implacável, bloqueando o golpe de Tobias com uma força que fez o ar ao redor estalar. Suas mãos firmes seguraram a lâmina de Tobias, que a olhava com uma mistura de desespero e ódio.

— Chega, Tobias — disse Alkmene.

— Olha só se não é a traidora! — quando Tobias terminou de falar, Alkmene o lançou longe, livrando Harvy da morte.

Aproveitei o momento de distração e libertei Harvy das amarras escuras que o prendiam. Harvy se levantou com dificuldade, mas seus olhos tinham um brilho resoluto. Nos entreolhamos e, de repente meu coração batia mais forte e sabia que não era por causa da adrenalina.

— Sabia que viriam. — ele falou, olhando pra alguma coisa no meu rosto.

— Jurei que ia te proteger até ser útil pra mim.

Vi os olhos de Harvy passearem por mim e umedecer os lábios em um sorriso torto. Mas antes de dizer qualquer coisa, ouvimos Alkmene gritar:

— Me ajudem aqui!

Ela estava tentando libertar Adonis, meu pai. Sem precisar de palavras, nos unimos a ela. Ele estava enfraquecido e imóvel.

Tobias, percebendo que sua derrota era inevitável, olhou ao redor, o desespero agora dando lugar a uma estranha serenidade. Seus dedos tremeram enquanto segurava uma faca e, com um gesto rápido e final, cravou a lâmina profundamente em seu próprio peito. Um silêncio de choque preencheu o ambiente enquanto ele caía ao chão, seu corpo tremendo em seus últimos momentos de vida.

— Não! — Harvy correu até o pai em desespero e acolheu seu corpo em seus braços — Ele... se sacrificou? — sussurrou Harvy, a voz repleta de incredulidade e angústia.

No entanto, antes que pudéssemos processar o que acontecera, uma energia terrível emanou do corpo de Tobias. A pele dele se esticou e tornou-se cinza, os olhos agora vazios, mas brilhando com uma luz escura, um indício da presença de Aniquilemos. O deus destrutivo havia tomado posse, emergindo das profundezas da realidade, preenchendo o corpo de Tobias com um poder que nos fazia sentir insignificantes. Ele agarrou Harvy pelo pescoço e o lançou para longe.

— Finalmente! — Aniquilemos rugiu, sua voz uma mistura de ecos e trovões. — E dessa vez, sem interrupções!

Uma onda de energia sombria varreu o campo, e Alkmene e eu fomos lançados para trás. Mas nos levantamos, a determinação ardendo mais forte do que o medo. Atacamos com tudo o que tínhamos. Alkmene usava toda a sua força e agilidade, desferindo ataques rápidos e precisos, mas Aniquilemos os bloqueava como se fossem nada mais que leves toques.

Eu me juntei ao ataque, canalizando minha energia e lançando rajadas contra ele. A luta era brutal; cada impacto ressoava como o som de um trovão, cada golpe parecia uma colisão de mundos. Mas Aniquilemos era uma força monstruosa. Ele nos lançou para longe com um único movimento, e então se voltou para Adonis, sua expressão transbordando desprezo e sede de poder.

— Os Poderes Cósmicos serão meus novamente! — proclamou ele, sua voz repleta de uma maldade antiga e insaciável.

Adonis tentou resistir, mas estava fraco demais. Com um golpe poderoso, Aniquilemos o atingiu, e Adonis caiu, seu corpo encolhido, exalando um suspiro de fraqueza. O desespero enchia meu coração; a batalha parecia perdida, mas então, como que respondendo ao nosso apelo silencioso, Faidra e Equidade surgiram, suas figuras imponentes trazendo consigo uma presença de esperança.

Faidra atacou Aniquilemos com todo seu poder, fazendo uma enxurrada de escombros ir até ele, livrando seu irmão, por ora.

Equidade, sempre majestosa e inabalável, olhou para mim e disse:

— Existe uma maneira. Uma zona de equilíbrio precisa ser criada, um ponto de convergência que levará ao surgimento de uma terceira realidade: o Vácuo. Apenas lá podemos aprisionar Aniquilemos, longe dos Poderes Cósmicos, de uma vez por todas.

Faidra assentiu, aproximando-se de Adonis.

— Para que isso funcione, precisamos recarregar Adonis, dar a ele a energia necessária para que ele e eu unamos nossos poderes.

Senti meu peito apertar ao olhar para meu pai, exausto e frágil. A ideia de sobrecarregá-lo com minha energia era aterrorizante, e o medo do que isso poderia fazer com ele me paralisava. E se ele não suportasse?

Adonis ergueu o olhar, lendo meu medo em silêncio. Ele estendeu a mão, e seus dedos tocaram meu braço com uma gentileza reconfortante.

— Confie em mim, filho — murmurou ele, a voz rouca mas firme — Esta é a nossa única chance. Precisamos tentar.

Lutei contra o medo e respirei fundo, permitindo que minha energia fluísse para ele. Raios roxos envolveram o corpo de Adonis, iluminando-o em um brilho que transbordava poder. Senti o cansaço me atingir, mas continuei, vendo o rosto de meu pai brilhar com uma nova vitalidade. Ele se levantou, agora renovado, e ao lado de Faidra, começaram a concentrar seus poderes, unindo-os para criar a zona de equilíbrio.

Um portal começou a se formar. Era o Vácuo. Ele pulsava com uma energia opressiva, como uma ferida aberta na realidade, um vazio que parecia consumir a própria existência. Olhar para ele era como encarar o infinito comprimido, uma força tão desconhecida e vasta que causava um frio na espinha.

Alkmene e eu voltamos a atacar Aniquilemos que havia se libertado ainda mais furioso, tentando distraí-lo enquanto o portal se expandia. Cada golpe era mais difícil que o anterior, e parecia que sua força crescia a cada segundo. Ele nos lançava para longe com facilidade, mas continuávamos, nossas forças unidas em um esforço desesperado.

Quando o portal finalmente estava pronto, pulsando como uma ferida aberta na realidade, Alkmene e eu nos lançamos em um último ataque desesperado contra Aniquilemos, tentando forçá-lo para dentro daquela vastidão sem fim. Mas foi Harvy quem, de repente, assumiu a liderança. Ele se colocou à minha frente, seu olhar fixo em mim, os olhos ardendo com uma intensidade que me atravessava, revelando algo mais profundo, mais poderoso do que eu jamais havia visto nele.

Havia um brilho etéreo ao redor de Harvy, como se sua essência estivesse despertando, emanando uma luz prateada, quase celestial. A aura que o envolvia parecia uma camada de pura energia cósmica, fluida e brilhante, como uma noite estrelada condensada em um manto de poder. Pela primeira vez, eu enxergava a verdadeira herança de Aeofytha em Harvy.

— Arvel — sua voz soou, calma e resoluta, mas com um peso que parecia rasgar o ar — Foi um prazer te conhecer.

Aquelas palavras tinham uma certeza inabalável. Harvy sabia o que estava prestes a fazer, e sua determinação era inquebrável.

— Talvez eu não tenha sido tão forte quanto você, mas posso fazer isso. Preciso fazer isso.

O pânico tomou conta de mim, e eu estendi a mão, tentando segurá-lo antes que fosse tarde demais.

— Harvy, não! — gritei, mas ele apenas desviou, balançando a cabeça com um sorriso triste, quase paternal.

— Você é mais do que eu jamais poderia ser, Arvel. Não desperdice isso — disse ele, e, com essas palavras, uma energia intensa começou a irradiar de seu corpo.

Harvy fechou os olhos por um instante, como se estivesse buscando um poder profundo, escondido dentro de si. Quando os abriu novamente, seus olhos estavam brilhando, não com medo, mas com um poder azul milenar, uma sabedoria e uma força reservadas apenas aos Aeofyths.

Com uma última troca de olhares, ele se lançou contra Aniquilemos, não apenas com seu corpo, mas com toda a força de sua herança. Harvy ergueu as mãos, e de seus dedos saíram feixes de energia cósmica, pulsantes e ferozes, que envolveram o deus destrutivo como correntes de luz. Cada feixe parecia conter uma estrela, um fragmento do universo que girava e pulsava com um poder incomensurável. Aniquilemos rugiu, tentando se libertar, mas Harvy apertou ainda mais, o rosto contorcido em um esforço colossal.

Aniquilemos gritou de ódio, sua forma lutando contra as correntes de luz que Harvy segurava com toda a sua alma. A pele de Harvy começou a se rachar, pequenos veios de luz brilhando através das fissuras enquanto ele empurrava Aniquilemos, centímetro por centímetro, em direção ao portal. Era como se cada fibra de seu ser estivesse à beira de explodir, sua própria essência sendo consumida pelo poder que ele liberava.

Enquanto isso, Aniquilemos tentava resistir, liberando rajadas de energia sombria que se chocavam com a luz de Harvy em explosões avassaladoras. O chão ao redor deles rachava, e ondas de choque reverberavam pelo ar, fazendo tudo ao nosso redor tremer. Eu mal conseguia ficar de pé, apenas observando, impotente, enquanto Harvy sacrificava tudo para impedir o deus destrutivo.

— Harvy! — gritei, a voz embargada de desespero, vendo o corpo dele começar a tremer, as rachaduras em sua pele aumentando, a luz quase cegante agora escapando dele como um vulcão prestes a entrar em erupção. Harvy olhou para mim uma última vez, um olhar de despedida que continha toda a nossa amizade, toda a lealdade e os sacrifícios que ele havia feito. Ele sorriu, um sorriso calmo e ao mesmo tempo repleto de tristeza.

— Seja o que você deve ser, Arvel. — disse ele, antes de soltar um grito poderoso e se lançar completamente contra Aniquilemos.

Com um último e devastador empurrão, Harvy jogou o deus destrutivo para dentro do portal. A imagem dos dois se fundiu em uma explosão de luz e sombras, e então eles foram tragados pelo Vácuo. O portal os engoliu com um silêncio esmagador, fechando-se logo em seguida como se nunca tivesse existido, selando Harvy e Aniquilemos em uma prisão além da compreensão.

O vazio que se seguiu era quase insuportável. Era como se o mundo inteiro tivesse ficado em silêncio para respeitar o sacrifício de Harvy. A imagem dele desaparecendo

no Vácuo ficou gravada em minha mente como uma ferida aberta. Eu caí de joelhos, sentindo uma dor que parecia cortar a alma.

Equidade se aproximou, sua expressão ainda solene. Com os poderes completamente restaurados, ela estendeu as mãos, selando o equilíbrio entre as realidades, mas o peso da perda estava claro em seu olhar.

Ao meu lado, Faidra, Adonis e Alkmene estavam em silêncio, as sombras do sacrifício refletidas em seus semblantes.

A vitória era nossa, mas o custo dessa vitória ficaria conosco para sempre. A imagem de Harvy, seu último olhar, suas palavras — tudo isso ecoaria em mim como uma marca indelével, um lembrete do preço que pagamos para derrotar um deus.

*

As palavras pesavam em minha mente enquanto tentava encontrar o tom certo. Havia tanto que eu queria dizer e, ao mesmo tempo, tantas coisas que ainda não entendia. Era estranho estar escrevendo para alguém que já não estava aqui, mas talvez fosse a única maneira de realmente confrontar tudo que tinha acontecido. Talvez, escrevendo, eu pudesse ordenar as cicatrizes que carregava agora e encontrar algum tipo de paz em meio a esse caos.

Harvy,

Nem sei como começar isso. Ainda acho surreal que você tenha se sacrificado daquela forma. Sei que era necessário, e sei que você acreditava nisso. Mas não vou mentir — nada voltou ao normal. O que restou após a queda de Aniquilemos foi um vazio que, de alguma forma, parece ainda mais ameaçador.

Uma seita surgiu, chamando-se os Espectros, e eles idolatram o deus da Aniquilação. Aham que ele era um redentor e que o sacrifício dele trouxe algum tipo de verdade para a realidade. É irônico, eu sei. Se visse os símbolos e as palavras que sussurram em seu nome, você daria risada. Eu e Alkmene estamos tentando lidar com eles, impedir que façam mais estragos. Mas são fanáticos. Aham que Aniquilemos deixou um legado que precisam continuar e, a cada dia, se espalham mais. Já os encontramos em cidades vizinhas, cada vez mais organizados.

Parei por um instante, a caneta tremendo em meus dedos. Havia uma fúria contida em mim, um ressentimento que ainda não conseguia dissipar. Respirei fundo e continuei.

Há outra coisa. Meu pai, Adonis... Tento me aproximar dele, entender o que significa ter esse laço, essa conexão que, até agora, parecia uma ilusão. Mas ele é... distante. O olhar dele parece sempre distante, como se estivesse em outro lugar. Sinto que ele me vê como uma sombra do que ele próprio foi, uma lembrança do que poderia ter sido. É um ser antigo, com um peso que talvez nunca consiga compreender. E, por mais que tente, ele não é do tipo receptivo. Não é o tipo de pai que eu imaginei, mas talvez ele nunca possa ser outra coisa além do que é.

Um peso invisível parecia se acumular sobre meus ombros enquanto tentava encontrar as palavras para falar sobre Faidra. O simples fato de não saber onde ela estava deixava tudo mais inquietante.

Faidra desapareceu desde aquele dia. Equidade também está procurando por ela, o que me alivia um pouco. Não confio nela, Harvy. O que ela fez em Rea, o ódio que alimentou e a forma como usou a dor para manipular a realidade — isso não foi esquecido. Equidade quer que ela pague por seus crimes, mas também sei que Faidra é ardilosa e agora que recuperou todo seu poder, nunca se deixará ser encontrada tão facilmente. Eu temo o que ela possa estar planejando em algum canto do mundo, silenciosamente aguardando para agir.

Estava quase no fim, mas ainda havia algo importante, uma despedida que parecia resistir a ser escrita. Minhas mãos começaram a tremer, e as lembranças voltaram com uma intensidade dolorosa. Não era justo que ele tivesse partido. Não era justo que ele tivesse carregado o peso final sozinho. A dor era como um eco que se repetia, mais uma ferida entre as muitas que carregava. De repente, me senti cansado, exausto de carregar tantas perguntas sem resposta. Fechei a carta e guardei-a, deixando para entregá-la no lugar onde ele encontraria a paz que nunca teve em vida.

*

Dias depois, segui o caminho até o cemitério, um lugar onde o silêncio parecia mais denso do que o ar. Passando entre as lápides desgastadas, o coração pesava com o peso de tudo que tinha a dizer. Ao me aproximar da lápide de Tyler, um nome familiar me aguardava. Ao lado de Tyler, uma lápide nova havia sido erguida: *Harvy Duncan*.

Ajoelhei-me diante dos dois túmulos, meus dedos tremendo enquanto deixava a carta ali. Fiquei em silêncio, esperando que, de algum jeito, minhas palavras encontrassem um caminho até eles, até os dois, onde quer que eles estivessem.

E, enquanto me levantava, prometi que encontraria uma maneira de honrar o sacrifício deles, e que lutaria para que o caos que deixaram para trás não fosse em vão.
